

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOECONOMIA E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

TERESA CECÍLIA MARASCHIN KLEIN

MULHERES DO ORIENTE: DESCOBRINDO O VÉU

Porto Alegre, RS, Brasil

2014

TERESA CECÍLIA MARASCHIN KLEIN

MULHERES DO ORIENTE: DESCOBRINDO O VÉU

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Flávio A. Camargo Porcello

Porto Alegre, RS, Brasil

2014

Dedico,

A quem fez parte desta trajetória, incluindo
aqueles que ajudaram a despertar a paixão pelo
Jornalismo.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Dulce, que foi mãe, pai, educadora e apoiadora em todos os momentos, sendo o pilar crucial nesta caminhada, além de ter sido exemplo, visto que foi a única de sua família que trabalhou e estudou, mostrando a importância da independência, em todos os aspectos.

À minha vó, sempre presente na minha vida e na minha educação, outro pilar importante em minha formação. Ao meu avô (*in memoriam*), exemplo de honestidade e determinação.

Ao meu namorado e colega de profissão Leno Falk, que deu apoio e compartilhou ensinamentos de Jornalismo, o que ajudou em meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Ao professor Wladimir Ungaretti, que me deu apoio quando precisei.

Aos meus amigos que prestaram grande ajuda neste trabalho, como Bruno Scortegagna e Pedro Heberle, entre outros que colaboraram de alguma forma com a concretização desta monografia.

A todos amigos e pessoas que passaram pela minha vida e deixaram alguma marca ou ensinamento sobre que fazer ou qual exemplo não devo tomar.

Enfim, a todos que me deram oportunidades de crescimento e à UFRGS, pelo ensino gratuito, de alta qualidade e por oportunidades como a minha viagem de seis meses a Portugal, onde estudei na Universidade do Porto, referência em estudos de Comunicação.

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo central analisar o conteúdo do documentário “Mulheres do Oriente”, exibido na Globo News nos dias 23 e 30 de Junho de 2013. O propósito é responder à pergunta central “quem são estas mulheres?”. Para tal, foi preciso analisar cada uma das oito personagens isoladamente e também compará-las entre si, de modo a perceber diferenças e pontos em comum. A investigação empregou a técnica metodológica da análise de conteúdo que, neste caso, observou o texto da narrativa e as imagens. Os dois episódios, com tempo médio de 25 minutos cada, podendo ser mais, ou menos, foram analisados integralmente. Conforme este estudo, foi possível ver que em todas as histórias abordadas há uma latente diversidade entre as personagens e as imagens de Oriente Médio, entretanto, também há inúmeras características afins que ajudam a estabelecer vínculos entre estas mulheres. Entre os pontos a serem salientados, é possível destacar o protagonismo, o mote desta produção que tem o intuito de mostrar a história do Oriente Médio a partir do universo feminino.

Palavras-chave: Mulheres. Oriente Médio. Israel. Árabe. Palestina. Judia. Conflito. Documentário. Globo News. Telejornalismo.

ABSTRACT

The main focus of this paper is to analyze the content of the documentary “Mulheres do Oriente” (Women from the East) showed on the television channel Globo News on June 23 and June 30, 2013. The purpose here is to answer the central question “Who are these women?”. In order to do this, it was necessary to analyze each of the eight women separately, as well as comparing them with each other, so as to stress their differences and similarities. This method chosen for this research was that of content analysis, in this case directed to the narrative and the images. Both episodes, with an average duration of 25 minutes, were analyzed in their entirety. This study made possible to identify, in all the stories, considerable differences between the protagonists and the images of the Middle East. However, they also share several characteristics, which helps to create bonds between them. Finally, it is possible to highlight the prominent role of these women from the Middle East, as the program portrays the history of the region from a feminine perspective.

Keywords: Women. Middle East. Israel. Arabs. Palestine. Jewish. Conflict. Documentary. Globo News. Telejournalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Huda Nakash	32
Figura 2 – Shifa Al Qudsi.....	34
Fgura 3 – Liti Saied.....	37
Figura 4 – Hadas Tamir.....	39
Figura 5 – Noa e Mira	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 JUSTIFICATIVA.....	11
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
3.1 Oriente Médio.....	14
3.2 Israel.....	16
3.3 Feminismo Árabe.....	17
3.4 Televisão e Jornalismo.....	20
3.5 Globo News.....	23
3.6 Documentário.....	24
3.7 Mulheres do Oriente.....	25
4 OBJETIVOS	
4.1 Objetivo Geral.....	27
4.2 Objetivos específicos.....	27
5 METODOLOGIA.....	28
6 ANÁLISE DOS DADOS	
6.1 Protagonismo.....	30
6.1.1 Formas de Atuação	
6.1.1.1 Huda Nakash.....	32
6.1.1.2 Shifa Al Qudsi.....	34
6.1.1.3 Liti Saied.....	37
6.1.1.4 Hadas Tamir, Raya Yaron, Sara Frischman e Sarah Frishman.....	39
6.1.1.5 Noa e Mira.....	41
6.2 Estilo/ Vestuário.....	43
6.3 Opinião.....	44
6.4 Aspectos culturais/ tabus.....	45
6.5 Diferenças e semelhanças.....	48
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
8 BIBLIOGRAFIA	53
ANEXOS.....	54

1 INTRODUÇÃO

Oriente Médio, Mulher, Guerra e conflito Árabe-Israelense são temas que estimulam imagens mentais no público leigo, as quais podem ser embasadas em estereótipos e clichês. A cena da mulher oprimida no Oriente Médio, Israel como um país perigoso, onde os habitantes sentem ódio mútuo e a animosidade parece não ter fim. De fato há o senso comum acerca destes termos. Todavia, surge o questionamento do papel do jornalismo na construção deste conhecimento. Conforme Dominique Wolton, os anseios dos telespectadores são construídos a partir do que lhes é ofertado. “Contrariamente ao discurso dominante atual, a emancipação passa primeiro pela oferta, e não pela demanda. Pois é a oferta que permite construir campos de experiência a partir dos quais, posteriormente a demanda se manifestará”. (Wolton, 2003, p.62)

Diante disso, o trabalho a seguir fará uma análise de conteúdo do documentário exibido na Globo News em junho de 2013 “Mulheres do Oriente”. A narrativa conta a história de oito mulheres, israelenses e palestinas, que, aparentemente, ajudam a compor e a definir o cenário desta região, constantemente citada na imprensa internacional, mas pouco compreendida. “ O GloboNews Especial exhibe dois programas nos dias 23 e 30 de junho sobre a figura feminina de uma região nem sempre compreendida pelo Ocidente.” (site G1, Mulheres do Oriente mostra oito exemplos de israelenses e palestinas, 2013. Disponível em <<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/06/mulheres-do-oriente-mostra-oito-exemplos-de-israelenses-e-palestinas.html>>. Último acesso em: 22/06/2014)

Embora o título deste trabalho “Mulheres do Oriente: descobrindo o véu” remeta à religião islâmica, visto que as muçulmanas usam o véu, ao passo que as judias usam outros acessórios para cobrir os cabelos, o termo representa a imagem da mulher do Oriente Médio de maneira geral, visto que esta palavra pode ser interpretada de diversas maneiras: o véu em si, o que está encoberto (no caso, a intimidade delas) ou até mesmo algo que não nos está visível, mas existe, que poderia ser o protagonismo das mulheres na região. Este último aspecto pelo fato de seguidamente elas serem mostradas como submissas e o trabalho de Cymerman querer trazer uma outra faceta. Além disso, a expressão de descobrir o véu traz o significado de desvendar, mostrar algo, o que este trabalho e o programa analisado se propõem a fazer: trazer algo novo, retomando o conceito anterior, do que existe, mas estaria escondido.

Por meio da análise de conteúdo, este estudo irá observar quem são, afinal, as mulheres do Oriente e o porquê de serem consideradas agentes de mudanças, a partir do que é apresentado no produto audiovisual em questão. Serão cerca de 47 minutos analisados por meio de texto e imagem em movimento que se mesclam e constroem um significado. De acordo com Edward Said, quem escreve sobre o Oriente precisa se localizar-se em relação a este ponto. Esta localização inclui a voz narrativa adotada, o tipo de estrutura construída, os tipos de imagens, temas, motivos que circulam no texto.

“Nada disso acontece no abstrato, todavia. Todo aquele que escreve sobre o Oriente (e isso vale até para Homero) presume algum antecedente oriental, algum conhecimento prévio do Oriente, ao qual ele se refere e no qual ele se baseia.” (Said, 1978, p.32).

Tal premissa remonta Wolton ao citar a demanda construída a partir da oferta. Na medida em que os meios de comunicação criam imagens mentais do que seria o Oriente e a partir destas imagens surgem as demandas, anseios e percepções do que for relativo a esta região.

Assim, se observará se o produto em questão rompe este ciclo ou segue perpetuando os conceitos que permeiam o consenso. Este trabalho analisa como temas facilmente estereotipados são tratados neste programa que, em princípio, se propõe a mostrar uma realidade pouco conhecida e compreendida pelos brasileiros, até mesmo em função da distância geográfica. Não obstante, apesar de longínquo, o assunto ganhou mais espaço com as agitações da Primavera Árabe, o que traz inúmeros temas à tona. Assim, surge a curiosidade de entender o papel e o discurso deste programa, que aborda tais informações e as coloca na forma de documentário para um canal somente de notícias. Por ser a Globo News, um canal fechado, há a necessidade de aprofundar mais os temas e trazer visões singulares. Por tal motivo um desafio é imposto. Após cerca 12 meses de maturação e desenvolvimento da ideia, visto que o programa foi exibido em junho de 2013, a monografia a seguir propõe uma contribuição aos estudos de televisão.

2 JUSTIFICATIVA

Há cerca de um ano, em junho de 2013, quando foi exibido o programa, ficou decidido que este seria o objeto de estudo deste trabalho de conclusão. O desejo surgiu ao ver as chamadas para a série. Ao assisti-las, ficou confirmada a ideia. Primeiro porque o tema é instigante: mulheres orientais. Mas não somente isso, a abordagem do produto em questão tem o intuito de apontar como estas figuras impactam em uma região conhecida como machista. Tal premissa já demonstrou singularidade e atualidade, bem como pertinência, visto que aborda, a partir do olhar feminino, um dos conflitos mais marcantes da atualidade, a guerra entre israelenses e palestinos, além de estar inserida no contexto de Primavera Árabe.

Em 2013, estava em voga a discussão acerca dos desdobramentos deste fenômeno, que iniciou em 2010 e causou grandes mudanças no Oriente Médio. Foram depostos os presidentes Hosni Mubarak, no Egito, e Muammar Kadhafi, na Líbia. Este último com extrema violência. Além disso, tais acontecimentos foram também o estopim para a guerra civil na Síria, um dos maiores conflitos da atualidade, que se estende com milhares de mortos e de refugiados. Este cenário, associado ao que foi retratado na produção, remontou, ao primeiro olhar, o Feminismo Árabe, assunto de interesse pessoal que será desdobrado neste trabalho posteriormente. Tal modalidade de feminismo, com peculiaridades que o diferenciam do modelo ocidental, também impactou na região e ficou em evidência nesta época, como já é afirmado logo no início da narrativa. A questão Ocidente e Oriente também gerou interesse, já que é uma produção ocidental falando do universo oriental. Tal aspecto também será abordado a seguir, já que é importante discutir a compreensão de mundo oriental e ocidental.

Logo, quando o jornalista afirmou que falaria da “mãe dos conflitos da região”, a disputa entre Israel e palestinos, sob a ótica das habitantes locais, surgiu um novo viés de um assunto que há anos integra a pauta internacional. É possível observar, em um primeiro momento, como telespectadora, que a proposta do programa é mostrar a mulher como protagonista e entender a partir da realidade delas o que acontece em Israel no cotidiano.

Portanto, a questão lançada foi introjetada nesta pesquisa e surgiu a motivação para de fato entender estas mulheres. Desde o começo do programa, o jornalista Henrique Cymerman aborda alguns conceitos explicitamente: elas são atuantes, têm peso político e social importante na região, contudo enfrentam dificuldades ainda. De qualquer forma, as forças

decisórias estão intimamente ligadas a elas. Tais aspectos moldam um quadro de diversidades e paradoxos que suscitam dúvidas.

Outro ponto evidenciado e que desperta curiosidade é o contraste. Desde o início ele é exemplificado nas imagens que destacam variadas vestimentas, nos estilos e, durante o documentário, na forma de pensar de cada personagem. Há religiosas, fundamentalistas convictas, a ex-mulher bomba que mudou de ideia, a modelo sexy e variadas formas de lutar por um ideal. Todavia, em meio a tantas diferenças, o paradoxo estabelecido é que entre figuras tão opostas há uma questão convergente: elas ajudam a mudar a realidade local. Isso aguça a curiosidade, visto que surge a dúvida sobre quem é a mulher oriental quais atitudes suas são impactantes. No entanto, mesmo abordando a força feminina naquela localidade, em momento algum é negada a existência de opressão.

Tais questões são de suma importância e interesse para esta jornalista por alguns aspectos. Primeiro pela origem judaica que já a levou a Israel e a faz nutrir um sentimento de patriotismo, curiosidade e interesse pelo país e assuntos relacionados a ele, conhecido como a pátria dos judeus. Segundo, por ser mulher: como mulher, interessada em assuntos feministas, é crucial conhecer estas perspectivas. Terceiro, e talvez principal motivo, o gosto por questões internacionais. Esta monografia perpassa pelo jornalismo internacional, especificamente o Oriente Médio, área de interesse na qual a jornalista que escreve este trabalho deseja se especializar e, mais do que isso, televisão. Apesar de ser importante destacar a importância de não estudar cientificamente qualquer tema de maneira apaixonada, é importante ter afinidade e interesse pelo assunto.

Logo, diante de tantos aspectos envolvidos na escolha deste documentário, é possível deduzir que a definição deste objeto preenche os requisitos básicos, conforme Umberto Eco.

- 1) *Que o tema responda aos interesses do candidato.* (ligado tanto ao tipo de exame quanto às suas leituras, sua atitude política, cultural ou religiosa.)
 - 2) *Que as fontes de consulta sejam acessíveis,* isto é, estejam ao alcance material do candidato.
 - 3) *Que as fontes de consulta sejam manejáveis,* ou seja, estejam ao alcance cultural do candidato.
 - 4) *Que o quadro metodológico da pesquisa esteja ao alcance da experiência do candidato.*
- (Eco, 1977, p.6)

Ainda conforme o autor, cada um deve escolher o que deseja pesquisar. Diante destes requisitos, não restaram dúvidas quanto à escolha. Ela preenche todos aspectos, já que é motivada por questões de cunho pessoal e profissional, é instigante e singular. A fonte de consulta é totalmente acessível, já que foi possível baixar o vídeo com facilidade e há uma gama de fontes bibliográficas. Outro ponto é o fato do assunto ser familiar, pelo que já foi citado. Não somente isso, o tema já foi estudado anteriormente, justamente pelo interesse.

O presente documentário não pereceu ser, no primeiro momento, mais uma produção audiovisual falando de Israel. Chamou a atenção por, aparentemente, mostrar a força de mulheres onde há predomínio masculino. Dar rosto e voz a estas histórias foi o que despertou a vontade de analisar como este programa apresenta estas protagonistas.

Diante de tanta diversidade unida em um só produto audiovisual que leva o título de “Mulheres do Oriente” foi plantada a curiosidade em aprofundar o olhar sobre estas figuras. Ficou a dúvida sobre esta representação a partir deste programa, quem são e o que poderia uni-las em meio a tantas diferenças. Portanto, o desejo de sair do lugar-comum motivou esta escolha: a vontade de entender e pesquisar sobre tais questões.

Assim, com tantos conceitos intrincados, envolvendo história, discussão de gênero, política e aspectos culturais associados a uma estrutura específica do jornalismo, a produção pareceu fascinante. E, se já não bastasse, toda esta gravação foi transmitida no suporte de interesse desta pesquisadora, a televisão. Tal meio, repleto de peculiaridades, conduz a narrativa de forma singular. A imagem foi crucial para conduzir estas histórias, associada à música e ao texto. O jogo entre imagens, texto e trilha compôs um cenário atraente que mereceu muita atenção pelo que foi estabelecido, ou seja, toda esta linguagem tece a narrativa, a qual é aparentemente rica pelos aspectos técnicos e pelo conteúdo. Logo, o suporte aliado ao tema foram fundamentais para definir este objeto.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 ORIENTE MÉDIO

Esta extensa área que, dependendo do autor, vai do norte da África até as regiões próximas à Ásia Central, com mais de 20 países, está presente com muita frequência na imprensa mundial, além de ser tema de diversos estudos pelo mundo. É possível dizer que é o ponto chave da humanidade por questões políticas, históricas, culturais, filosóficas, religiosas e econômicas. O berço das três grandes religiões monoteísta (Cristianismo, Judaísmo e Islamismo) ainda desperta interesse e curiosidade, visto que é uma realidade que muda incessantemente. Trocas de poder, ataques terroristas, ascensão e queda de grupos políticos, multiplicidade étnica, cultural e religiosa, além, claro, do fator primordial aos interesses internacionais: petróleo. Este espaço é cenário constante de embates, tanto que desde o término da Segunda Guerra Mundial, o único ano em que não houve conflito armado foi em 1947. Conforme o autor de O Atlas do Oriente Médio, Dan Smith, os conflitos desta região geram discussões acirradas. “As acaloradas disputas provocadas por questões geopolíticas atingem não só líderes políticos, mas também repórteres, comentaristas, especialistas e estudiosos”. (Smith, 2006, p.7).

Portanto, o que acontecer ali causa reflexos em inúmeros países. Mas não somente isso. O modelo social intriga a comunidade ocidental na medida em que há conceitos conflituantes com os nossos e que assuntos políticos e religiosos são tão intrincados a pontos de separá-los ser uma árdua tarefa. Assim, para compreender o cenário atual desta região, é crucial conhecer a história de tais sociedades.

“Os argumentos pró e contra usados em alguns dos conflitos atuais (inclusive no palestino-israelense) são constantemente discutidos em termos que remontam ao passado distante, até mesmo a 2 mil anos. Para entender o Oriente Médio de hoje é importante compreender como ele se formou.” (Smith, 2006, p.15).

Os componentes deste cenário são tão profundos e complexos que o próprio estudo e definição de Oriente Médio gera contradições. A primeira delas é a própria definição do nome: ele é oriental e médio em relação a quê? O termo britânico Middle East foi incorporado ao vocabulário global e é a expressão mais utilizada para se referir a este ponto geográfico,

constante alvo de cobiça das grandes potências. O Extremo Oriente compreenderia países como China, Coreia e Japão, portanto, o mediano seria a parte do planeta à qual o estudo em questão se refere. O oriente mais próximo compreendia o mediterrâneo e os Balcãs.

Ao definir os países componentes não há unanimidade entre os pesquisadores. Nações africanas como Marrocos e Sudão constantemente ficam de fora da definição, apesar de serem incluídos em alguns mapas. Chipre, Turquia, Afeganistão e Paquistão também são excluídos diversas vezes. A explicação para as mudanças seriam diversos aspectos, já que muitas definições são usadas pelos estudiosos como critério para incluir ou excluir os países, como religião, cultura, etnia e idioma. “A região tem sido moldada pela interação de seis fatores históricos, culturais e contemporâneos cruciais: o Islã, o Império Otomano, o colonialismo europeu, a fundação do Estado de Israel, o petróleo e a influência norte-americana.” (Smith, 2006, p.8). Um exemplo é o Afeganistão, que é muçulmanos mas não é árabe. A população é composta por persas e outras etnias. Ele tem alguns pontos em comum com os países do Oriente Médio, já em outros é o oposto, como questões étnicas, culturais e históricas. Assim, dilemas históricos e situação política embasam os estudiosos ao definir os pertencentes da região.

Além disso, isso remonta a obra de Edward Said “Orientalismo, O Oriente Como Invenção do Ocidente”, na qual ele define Ocidente e Oriente como criações humanas embasadas em crenças políticas e culturais. “Comecei com a suposição de que o Oriente não é um fato inerte da natureza. Não está meramente *lá*, assim como o próprio Ocidente não está apenas *lá*.” (Said, 1978, p.16). Para Said, a criação de um Oriente ampara-se no que seria o Ocidente, o ideal criado. Para Said, esta relação envolve poder e dominação.

“Portanto, assim como o próprio Ocidente, o Oriente é uma ideia que tem uma história e uma tradição de pensamento, imagística e vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o Ocidente. As duas entidades geográficas, desse modo, apoiam e, em certa medida, refletem uma à outra” (Said, Edward, 1978, p.16)

De qualquer forma, o país a ser analisado neste trabalho está em todas os mapas do Oriente Médio: Israel. E mais do que isso, a sua fundação em 1948 e os desdobramentos disso são fundamentais no contexto. Os conflito árabe-israelense vêm moldando as relações locais e criando diversas alterações no cenário geopolítico médio-oriental.

3.2 ISRAEL

A vitória dos judeus com a criação deste Estado foi a derrota para os palestinos (*al-nakka*, a catástrofe.) No final do século XIX, Theodor Herzl cria o conceito “Sionismo”, em um contexto em que inúmeros judeus deixavam o leste europeu para viver na então Palestina. A emigração foi resultado do forte antissemitismo da região (ódio a judeus) que gerava perseguições e limpezas étnicas (*pogroms*). O sionismo é o conceito de que os judeus devem retornar à terra prometida, à Israel, a pátria dos judeus, na época, a Palestina. A discussão de merecimento ou não deste povo em relação ao país é muito ampla e, portanto, não será aprofundada neste trabalho. Apenas brevemente contextualizada para embasar o olhar dispensado ao documentário.

De qualquer modo, as escrituras sagradas do *Tannach*, o Antigo Testamento para os cristãos, referem-se à Israel como o local de origem dos judeus, desde os primórdios do povo, datando de milênios. Os palestinos também contestam a origem dizendo-se descendentes dos filisteus, povo que habitava na região. No entanto, esta ascendência não ficou comprovada, ao passo que há indícios históricos referentes às tribos judaicas. Porém este não seria o único argumento, na medida em que a diáspora - período de dispersão dos hebreus, quando eles tiveram que fugir devido às invasões- sendo a maior ocasionada na época do Império Romano, ocorreu há séculos. Ao longo dos anos, diversos povos passaram e ali se instalaram, entre eles, os palestinos.

Durante as primeiras migrações, enquanto Israel pertencia ao domínio britânico, líderes judeus e políticos britânicos acreditavam na convivência pacífica entre árabes e judeus. No entanto, em 1939, quando a população judaica estava em rápido crescimento no local em função da ascensão de Hitler na Alemanha, que culminou com a emigração de milhares de judeus da Europa, acontece o primeiro grande levante árabe contra as novas populações. Já havia atos hostis de ambos os lados, mas este foi o primeiro a ser significativo. Nesta época já eram cerca de 400 mil judeus em um total populacional de 1,3 milhão, conforme o Atlas do Oriente Médio.

Em 1948 é criado o Estado de Israel, momento em que o projeto sionista é concretizado e é fundada a pátria dos judeus, que estavam dispersos pelo mundo e recentemente haviam sido massacrados na Segunda Guerra Mundial. O Sionismo, por um lado, liberta os judeus, criando um lar para eles. Por outro, gera uma série de privações aos

povos que ali estavam, na medida em que devem ceder espaço. O contexto da criação desta nova nação é de um forte sentimento nacional dos imigrantes. Oriundos de diversos países, apesar das diferenças linguísticas e culturais evidentes, todos apresentavam um histórico parecido de perseguições e preconceitos.

Não obstante, este acontecimento acarretou milhares de refugiados palestinos e o início de um conflito que ainda perdura e sem data para encerrar. Atualmente, os palestinos constituem a maior população de refugiados do mundo: são mais de 4 milhões, conforme os registros da Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina.

“Os palestinos são hoje o maior grupo de refugiados do mundo; um total de mais de 4 milhões está oficialmente registrado na Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina (UNRWA), e o número cresce a uma taxa anual de aproximadamente 3%, ou cerca de 120 mil pessoas.”(Smith, 2006, p.40)

Desde então, a fronteira israelense foi redesenhada diversas vezes, conforme o desfecho de conflitos como a Guerra dos Seis Dias, em 1967, em que entre os territórios conquistados está a Cisjordânia e Jerusalém Oriental. Hoje a cidade pertence à Israel, sendo esta o símbolo das três grandes religiões. Por este motivo, no plano inicial seria um território neutro administrado pela ONU, não obstante, Israel conquistou o espaço.

Hoje um grande muro separa parte dos territórios. As cidades palestinas sofrem com diversos racionamentos imposto por Israel, como de água, de remédios e de alimentos. A justificativa do Estado Judaico para o muro é primar pela segurança, visto que diversos ataques terrorista já foram cometidos.

Conforme o atlas pesquisado, a questão da água pode ser considerada um dos pontos periclitantes. Ao ocupar a Cisjordânia, o país sionista declarou os recursos hídricos como sua propriedade. A partir disso, foi instituído um rigoroso sistema para a abertura de poços e tubulações em territórios palestinos. Desde 1982, o consumo israelense vem diminuindo a vazão nos territórios palestinos. Israel pouco tem feito sobre este fato, bem como admite que as colônias judaicas que ocupam espaços antes palestinos, têm privilégio em relação a este recurso. Este pode ser um dos conflitos mais emblemáticos do Oriente Médio e do planeta, visto que divide opiniões há décadas e coloca em xeque Oriente e Ocidente: Israel com apoio dos Estados Unidos e de grandes nações europeias; e palestinos, em tese, com apoio dos demais países da região. O palestinos lutam pela criação de seu país, a Palestina, com

autonomia e liberdade. O grande empecilho hoje é Israel, causado pelo temor de haver fortalecimento de grupos como o Hamas, que pregam a existência de um Estado palestino e o fim do Estado israelense. Na região, apenas a Jordânia reconhece a existência de Israel. O Egito reconhecia, todavia, após os acontecimentos da Primavera Árabe, resta a dúvida sobre os rumos das relações entre os países.

3.3 FEMINISMO ÁRABE

A designação Feminismo Árabe já é por si só delicada, na medida em que ela não engloba todas as mulheres desta parte do globo. De acordo com a reportagem sobre Feminismo Árabe publicada na revista Planeta em 2012, em meio ao contexto da Primavera Árabe, as imagens femininas nas ruas em meio aos protestos geraram surpresa. Definir este grupo merece cautela, visto que ele não é homogêneo. “Existem muitas mulheres árabes cristãs, sunitas, xiitas e menonitas. É um mito pensar que toda mulher árabe é muçulmana e que toda muçulmana é árabe. Outro ponto é acreditar que toda mulher muçulmana é oprimida”. (Smaili, 2012, p.23)

Os árabes são um povo de origem semita, tal e qual os judeus. Eles foram os criadores do Islamismo e o levaram a diversos povos. Todavia, há muitos deles que não proferem esta fé, há árabes judeus (os judeus *mizrachim*; *mizrach* em hebraico significa oriente), bem como árabes cristãos. Não se pode ignorar o fato de o Oriente Médio ser o berço das três grandes religiões monoteístas. Além disso, como foi citado, a religião de Maomé chegou a diversos povos, como os persas, que são maioria em países como Irã e Afeganistão. Os turcos também foram convertidos para esta fé e não possuem origem semita, eles englobam diversas etnias asiáticas, são provenientes do Império Otomano. Portanto, é possível constatar que estes povos não árabes, além de outros, professam a religião muçulmana, bem como há árabes que não o fazem. Diante disso, é difícil haver uma nomenclatura que abranja todos. No entanto, este termo pode definir grande parte da população em termos étnicos, culturais ou religiosos, já que a expansão árabe levou sua cultura e sua religião a diversas populações, além deste povo ser maioria étnica. Diante desta gama de peculiaridades também há uma modalidade plural de feminismo.

Ao analisar os rostos envolvidos nos conflitos da Primavera Árabe e as personagens deste documentário é possível haver algum tipo de confusão, visto que a figura feminina é

estigmatizada na região como invisível e sem voz, coberta pelos trajes que teoricamente a oprimem e pelas leis que não a protegem. De fato esta opressão é uma realidade, mas não para todas, e ocorre sob diferentes facetas. Tais nações figuram nos últimos lugares dos rankings sobre igualdade de gênero realizados por órgãos internacionais. Acesso à educação, saúde, participação econômica e política são os critérios constantemente utilizados. No ranking do Fórum Econômico Mundial de 2010, o qual foi produzido a partir de dados de 135 países, as últimas posições são ocupadas por países desta região, sendo o último colocado o Iêmen.

No entanto, neste contexto de Primavera Árabe e pós Primavera Árabe surge a dúvida sobre a situação destas personagens. Elas participam de embates e decisões, no entanto ainda clamam por espaços, principalmente diante de grupos fundamentalistas que buscam enrijecer regras que definem direitos fundamentais. Se por um lado ditadores são inaceitáveis, grupos islâmicos são nefastos. “Não há consenso sobre que caminho seguir para a mulher ser beneficiária dos processos de libertação no mundo árabe. O limbo político e econômico aberto pelos protestos recentes trouxe ao centro do debate as mais antigas discussões sobre os direitos civis.” (Daudén, 2012, p.24).

Para a escritora libanesa Joumana Haddad, citada na reportagem, conciliar religião e direitos das mulheres é algo impossível. Ela se define como pós-feminista e crê que somente com a queda da influência das religiões monoteístas será possível vencer o patriarcalismo. Esta personagem representa inúmeras figuras apresentadas no vídeo, com vestimentas consideradas ocidentais que exibem o corpo. Em contrapartida há aquelas que lutem sem deixar de cobrir a face. É o caso de Marwa al-Qamash, também presente na publicação, que concorreu ao parlamento egípcio em 2012 e não se expôs durante a campanha eleitoral. Ela utilizava uma flor para simbolizá-la.

“Marwa é do partido fundamentalista El Nur, o segundo mais votado nas eleições de novembro, e acredita que o *niqqab* (a vestimenta que deixa os olhos à mostra por uma fresta, diferente da burka, que cobre tudo) a impeça de assumir um papel político no novo Egito. Para ela, basta a flor no panfleto”. (Daudén, 2012, p.24)

Nem todas consideram o véu como um símbolo de opressão, mas sim, como um traço cultural que indica pertencimento. A editora-chefe do Yemen Times, Nadia al-Saqqaf, outra personagem apresentada na revista, veste-se assim e defende a criação em seu país de um Ministério da Mulheres e de implementação de cotas em cargos eletivos e não eletivos. No Iêmen, nenhum assento do parlamento é ocupado por uma mulher, bem como apenas 20%

da força de trabalho do país é composta por elas. Estas são personagens diferentes entre si que, de alguma maneira, lutam por mudanças. Tal e qual aparentemente ocorre em Mulheres do Oriente.

Ainda na revista Planeta, entre grupos de palestinas o feminismo está muito ligado à resistência, impor-se contra Israel e libertar seu povo. A independência desta população está intimamente ligada à independência feminina, na medida em que para exercer direitos conquistados, é preciso liberdade. Isso depende de um embate internacional. A resistência armada contou com a participação de cidadãs, que também cometeram ataques, o que está exemplificado no documentário deste estudo.

A Árabia Saudita, aliada dos Estados Unidos, é um dos maiores símbolos de restrições. Somente em 2015 uma mulher poderá concorrer a eleições municipais e, como consta no programa, elas ainda lutam pelo direito de dirigir. Diante destas personagens é possível perceber que a pauta reivindicações varia tanto quanto suas realidades. E tais aspectos mudam conforme a comunidade, pois diversas proibições, embora sejam atribuídas ao Corão, livro sagrado dos muçulmanos, são na verdade culturais. Nas escrituras há inúmeras passagens onde as mulheres têm voz e fala-se de respeito à companheira, o que se opõe à prática dos fundamentalistas.

O protagonismo feminino não é uma pretensão apenas das árabes ou das muçulmanas, mas das mulheres da região em geral. A luta por mais liberdade não implica renunciar valores culturais, mas sim, dentro de sua realidade local, afirmar-se sem perder a autenticidade inerente às suas convicções e aos traços regionais.

3.4 TELEVISÃO E JORNALISMO

Este meio carrega consigo especificidades que transformam a linguagem utilizada em algo próprio. A narrativa é composta por texto, imagem e som que conduzem o público àquele universo. Esta é uma ferramenta de grande penetração no público, ainda que neste trabalho aborde-se um programa exibido em um canal fechado. Conforme Bourdieu, tal instrumento, por atingir um número significativo de pessoas, carrega consigo peculiaridades.

“Com a televisão, estamos diante de um instrumento que, teoricamente, possibilita atingir todo mundo. Daí certo número de questões prévias: o que tenho a atingir está destinado a atingir todo mundo? Estou disposto a fazer de modo que meu discurso, por sua forma, possa ser entendido por todo mundo? Pode-se mesmo ir mais longe: ele deve ser entendido por todo mundo?”. (Bourdieu, 1997, p.18)

Diante disso, o corresponde tem a missão de traduzir a este grande público a história que ele vê: ele deve entendê-la e contá-la aos telespectadores. Segundo Bourdieu, a imagem depende obrigatoriamente da palavra. Ou seja, texto e imagem se fundem para emitir um significado e contar uma história, o que evidencia a complexidade deste suporte. Ambas devem ser usadas adequadamente, é preciso ter domínio de seu significado. “Porque essas palavras fazem coisas, criam fantasias, medos, fobias ou, simplesmente, representações falsas”. (Bourdieu, 1997, p.26)

Este discurso atingirá milhares e, até mesmo milhões de telespectadores. No entanto, esta generalidade carrega um peso em relação a como sua qualidade é percebida. Para Dominique Wolton a dificuldade da televisão está embasada no fato de facilitar o acesso à cultura sem deixar de ser um entretenimento. A televisão deve ser um espetáculo, e não uma escola com imagens. Este desafio coloca uma dicotomia entre forma e conteúdo, em que ambos devem atingir equilíbrio sem prejuízo.

A história deve ser conduzida de uma maneira adequada às imagens e ao áudio, para que haja complementação e clareza. Assim, torna-se a TV algo mais atrativo à massa. De acordo com Rosa Maria Bueno Fischer, a televisão é considerada um complexo aparato cultural e econômico de produção, veiculação e consumo de imagens, sons, publicidade, divertimento e afins. Ela é parte fundamental na produção de significações e sentidos que embasam a maneira como vemos o mundo, pensamos e agimos. Dentre as questões citadas pela autora que suscitam debates e preocupações por parte de psicólogos e profissionais da educação em relação à TV, está a questão sobre como compreender e tratar das diversidades e das diferenças sociais e culturais, as quais são apresentadas, diversas vezes, como um “outro” a normalizar ou a excluir.

“O importante aqui é acentuar que todas essas questões em torno do tratamento das diferenças estão também relacionadas a modos de representação, de enunciação, a formas de interpretação e de comunicação. Ou seja, há uma imensa responsabilidade dos meios de comunicação, particularmente da TV, que aqui nos interessa, no que se refere aos modos de nomear os diferentes” (Fischer, 2001, p.42)

Como tratar dessa diversidade sem cair em preconceitos ou em colocações que abordem o diferente como o “outro” é o desafio imposto ao correspondente internacional, sobretudo em um meio tão complexo e peculiar como este. A televisão se torna os olhos do espectador para o mundo, e o discurso, pode ser o pesamento. O que remonta Bourdieu no poder e complexidade da palavra associada à imagem.

Todavia, este cunho popular e generalizador pode implicar descrédito por parte das elites, conforme Wolton. “Qual a força da televisão? Seu sucesso popular. Seu ponto fraco? Sua falta de legitimidade junto às elites culturais”. (Wolton, 2003, p.61). Ele se refere ao descrédito junto às elites, que enxergam este meio como um vetor de produtos de baixa qualidade. De fato a televisão aberta alcança grande público e pode parecer generalista e até superficial ao traduzir uma realidade tão adversa como o Oriente. Os jornalistas o tentam fazer de maneira palatável à maioria das pessoas que assistem ao produto. Isso pode implicar, sob a visão dos mais entendidos, empobrecimento de conteúdo. O desafio de um programa que busca profundidade e é dirigido a um público mais específico, como o da Globo News, é condensar tantas informações de maneira atrativa e coerente.

No entanto, Wolton, na mesma obra, levanta outro aspecto crucial sobre a televisão. Apesar das críticas, ela não deixa de ser uma janela para o mundo, ou a única, para diversos cidadãos. “A televisão correspondia em parte a este ideal permitindo o acesso à informação, à cultura ou ao entretenimento à maior parte das pessoas.” (Wolton, 2003, p.61). Ela pode ser o elo para assuntos possivelmente antes desconhecidos. Não só a temas, mas a imagens, rostos, músicas e demais informações que somente o audiovisual levaria. “De todas as maneiras, a televisão fascina, pois ela ajuda milhões de indivíduos a viver, se distrair e compreender o mundo” (Wolton, 2003, p.61). Ainda é possível concluir este pensamento ao sintetizar que a força desta ferramenta está justamente na habilidade de decodificar o mundo.

O objeto deste estudo não foi veiculado em um meio de cunho popular. O programa foi exibido em um canal fechado: a Globo News. O fato de ser um canal fechado já delimita o público, excluindo uma parcela da população que não tem acesso a canais por assinatura. Todavia, isso não diminui o desafio deste jornalista ao tratar de uma realidade adversa. Mas ele tem em mãos o poder da imagem em movimento associada ao som que ajudará a conduzir a narrativa.

3.5 GLOBO NEWS

A Globo News surgiu em 1996 como um canal apenas de notícias, inspirado em canais como BBC e CNN, com programação apenas jornalística. Com isso, o intuito era trazer uma visão aprofundada dos fatos e de fazer, ainda, jornalismo em tempo real com o acompanhamento de profissionais experientes.

É um canal de TV por assinatura e destinado a interesses mais específicos, visto que aborda com mais profundidade os assuntos, afinal, como o próprio canal afirma, são 24h de jornalismo.

O perfil difere da televisão aberta. Como exemplo, há inúmeras situações em que ainda não há detalhes sobre um acontecimento, mas a notícia é dada, pois o ideal que permeou a criação foi justamente a primazia pela agilidade e qualidade, conforme seus idealizadores. A transmissão pode durar minutos ou horas, conforme a relevância do fato.

Não obstante, há um contraponto na programação. A grade também tem um jornalismo mais analítico, aprofundado, que, diversas vezes, atemporaliza os materiais exibidos. “Essas duas vertentes, jornalismo em tempo real e jornalismo já tratado, já decodificado, são o que define uma emissora como a Globo News, dedicada exclusivamente à informação.” (Marinho, 2006, p.8)

Por meio de documentários, programas de debates e notícias contínuas, a Globo News apresenta programas que nem sempre estão disponíveis na TV aberta. Mesmo programas factuais podem virar históricos, assim como há o desmembramento de temas que podem virar produções mais elaboradas que surgem em carácter especial, como o Especial Globo News, sob a forma de documentário.

“ Com seus programas de entrevistas, de debates, com seus documentários especiais e, também, com seus telejornais em formato tradicional, a Globo News dá a seus assinantes a oportunidade de confrontar as suas opiniões com outras, de preencher lacunas no conhecimento que têm das coisas, de inserir, num quadro mais abrangente, os acontecimentos dos quais foram testemunhas.” (Marinho, 2006, p.8)

Isso remonta a proposta de, independente do programa, tornar histórico o conteúdo exibido em função da qualidade. “Na Globo News tudo o que se faz, diante do efêmero da

notícia, traz em si, entre palavras e imagens, o sentido da permanência. Daí programas feitos para serem jornalísticos adquirirem, de imediato, o alcance de históricos.” (Kaz, 2006, p.371)

3.6 DOCUMENTÁRIO

O documentário é o espaço que proporciona maior aprimoramento. Neste estilo é possível perceber um trabalho mais elaborado, primeiro pelo tempo amplo, se comparado a uma matéria de televisão e mesmo a uma grande reportagem, segundo, pela liberdade que permite riqueza de imagens e de informações. Conforme Aronchi, este é o ápice de uma produção. “Os documentários carregam a bandeira do prestígio de suas emissoras, pois são uma demonstração da qualidade dos programas do departamento de telejornalismo. O documentário é a antítese da ficção, da fabricação de fantasia.” (Aronchi, 2004, p.145)

A questão do tempo é positiva na medida em que é possível trazer mais desdobramentos e conteúdo, além do fator econômico: ele muitas vezes se passa em outro país e tem uma produção elaborada, como é o caso de *Mulheres do Oriente*.

“ A necessidade de pesquisa, de aprofundamento do tema com entrevistas e produção de imagens em diversos locais eleva o orçamento do gênero. Por isso, nem todas as redes produzem documentários. Uma alternativa é a compra de produções importadas de países que os produzem com a intenção de servir ao mercado internacional, como é o caso das famosas séries de documentários ingleses.” (Aronchi , 2004, p.146)

Mas o fato do repórter residir no local apresentado é crucial, como é o caso do programa em questão. Isso além de diminuir os custos, já que ele está *in loquo*, ajuda na busca de fontes e de informações, pois ele conhece o território. Assim, é possível concordar com o autor quando ele coloca o documentário como um produto de maior prestígio, visto que é algo mais elaborado.

E não só esta questão, mas o conteúdo caracteriza-se por sua relevância. Conforme o Aronchi, estas produções costumam apresentar importância histórica, social, política, científica ou econômica, além de aprofundarem temas do cotidiano com um viés crítico. Este gênero, com raízes no cinema, ainda é visto com respeito e é imbuído de uma aura de seriedade. Tal característica faz com que, geralmente, leve com credibilidade ao telespectador informações sobre questões desconhecidas.

Quanto ao formato, Aronchi destaca que as produtoras fazem programas de, em média 30 a 50 minutos de duração. De acordo com ele, na televisão aberta ocorreu a diminuição do tempo dedicado a esta produção. Programas como o SBT Rptórter e o Globo Repórter sofreram redução de seus espaços a ponto de virarem apenas grandes reportagens. A justificativa seria a audiência, que não está acostumada a longos períodos de apresentação. Portanto, este é um formato encontrado mais facilmente em canais fechados, onde há conteúdo especializado para os públicos, o caso deste objeto.

Diante de tantas informações, o formato deve ser dinâmico. Entrevistas associadas a imagens, trilha e *offs*. É crucial a questão técnica, pois ela dará embasamento à informação, que pode ser perdida se não houver tratamento adequado que desperte e prenda a atenção do público. Portanto, todos os aspectos envolvidos nesta produção jornalística audiovisual recebem máximo cuidado.

3.7 MULHERES DO ORIENTE

Um homem ocidental conta a história de mulheres orientais. Ele, Henrique Cymerman, português, fala a um programa brasileiro como estas figuras femininas impactam na região onde vivem: o Oriente Médio, mais especificamente Israel, classificado no *off* como “a mãe dos conflitos”. Diante da diversidade cultural, étnica e religiosa já mencionada, o nome escolhido para o programa engloba as mulheres da região. E de fato condiz com a proposta: mostrar personagens distintas. A produção se passa em Israel e aborda como cada uma impacta na região. Oito histórias, oito realidades e formas de pensar. Conforme o site da G1, das Organizações Globo, as entrevistas revelam um olhar femininos sobre assuntos contemporâneos universais. “Conheça oito exemplos de mulheres de Israel e dos territórios palestinos e suas histórias de forte simbolismo.” (site do G1, 16 de junho de 2013).

No início, o correspondente Henrique Cymerman já nos introduz no contexto ao citar a frase de David Ben Gurion: “Tanta história para tão pouca geografia”. Ele já deixa implícito que o telespectador assistirá a uma gama de histórias diferentes. Essa ideia já fica implícita no início da narrativa, quando são apresentadas imagens contrastante entre mulheres com roupas curtas e outras cobertas com a *Burqa*, e demais vestimentas religiosas islâmicas, como o *hidjab*. Além disso, o jornalista começa a narrativa afirmando que as mulheres do Oriente Médio são um dos principais agentes de mudanças na região e que estão protagonizando

revoluções em diversos aspectos. No entanto, fica reforçado que, apesar disso, elas ainda lutam por espaços, autonomia e igualdade de direitos.

O programa de formato documentário foi apresentado em dois episódios nos dias 23 e 30 de junho de 2013, às 20h30, no Especial Globo News. Cada episódio tem 30 minutos de duração, incluindo os intervalos. O produto foi feito em Israel com roteiro e reportagem de Henrique Cymerman e produção de Yael Kogut e Yair Cymerman. O jornalista é português e não é contratado da Rede Globo. Ele mora em Israel e faz matérias encomendadas pela emissora. Devido ao aprofundamento deste produto, o formato e o caráter singular, é possível enquadrá-lo como um documentário. “ As séries especiais revelam o empenho de profissionais determinados, comprometidos a oferecer aos assinantes um produto de alta qualidade, em todos os níveis, do conteúdo ao formato.” (Paternostro, 2006, p.371). As ideias inicialmente trazidas são de que estas personagens causam ou causaram impactos nesta sociedade.

Huda Nakash, considerada no programa a nova mulher árabe. A israelense árabe de 22 anos é modelo e tem gerado polêmica com suas fotos ousadas de lingerie e de biquine. Shifa Al Qudsi, a palestina ex-mulher bomba: a história a seguir é de uma “bomba humana que não explodiu”, como descreve Cymerman. Liti Saied, colona judia ortodoxa e fundamentalista, ela vive com uma bala alojada nas costas decorrente de um ataque terrorista. Hadas Tamir, Raya Yaron e Sarah Frishman são ativistas israelenses pró palestinos chamadas por muitos fundamentalistas israelenses de “putas de Arafat”. Noa, de origem iemenita, nasceu em Tel Aviv e morou por anos nos Estados Unidos. A cantora israelense de maior sucesso internacional na atualidade acredita no poder do perdão e costuma fazer dupla com Mira Awad, cantora palestina.

As histórias, aparentemente opostas ou parecidas, conforme os casos, se cruzam e formam um mosaico que busca representar as mulheres desta parte do mundo em um contexto de guerra e de busca pela paz.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Este estudo tem como objetivo geral analisar quem são as figuras femininas apresentadas para, a partir disso, entender por que são consideradas agentes de mudanças na região, conforme afirma Henrique Cymerman. Isso significa extrair as mensagens explícitas e implícitas da narrativa para entender, de acordo com o documentário, quem são as mulheres do Oriente.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Este trabalho tem por objetivos específicos os seguintes tópicos:

- 1) Extrair termos e conceitos e elementos que ajudem a compreender quem são estas personagens, suas características e ações
- 2) Avaliar o peso do texto ao compor este trabalho
- 3) Observar o papel das imagens nesta narrativa
- 4) Estudar de que forma ambos recursos compõe um significado ao se mesclarem, pois em televisão são recursos complementares entre si.
- 5) Analisar o que elas têm em comum e quais diferenças há

5 METODOLOGIA

O método a ser empregado será Análise de Conteúdo. Conforme Bardin (1977) esta forma de análise consiste em instrumentos muitas vezes sutis que se aplicam a “discursos”. O documentário Mulheres do Oriente será separado em duas grandes unidades: imagem e texto. A partir disso, cada uma será desmembrada por meio de decupagem para efetuar o estudo. A análise será feita isoladamente e em conjunto, ou seja, cada parte será decupada e observada e, posteriormente, os elementos de ambas serão cruzados, de forma que se verifique como elas contam a história juntas, já que imagem e texto se complementam em televisão.

Uma vez definido este corpus, ambos episódios serão estudados, o que remonta Bardin. “Em outras palavras, não se pode deixar de fora qualquer um dos elementos por esta ou por aquela razão (dificuldade de acesso, impressão de não interesse), que não possa ser justificável no plano do rigor” (Bardin, 1977, p.126). Logo, o documentário completo será estudado.

Conforme Bardin, a análise de conteúdo trabalha a fala, a prática da língua realizada por emissores identificáveis. Por sua vez, lida com mensagens. Assim este será o método capaz de traduzir a mensagem ou as mensagens transmitidas por este produto televisivo.

Esta análise se enquadra nos critérios de algumas etapas estabelecidas por Bardin para esta modalidade. De acordo com a escritora francesa, há a análise temática e a análise da enunciação. A primeira é definida como transversal, visto que recorta o material por meio de uma grade de categorias projetada sobre os conteúdos. “Não se tem em conta a dinâmica e a organização, mas a frequência dos temas extraídos dos conjuntos dos discursos, considerados dados segmentáveis e comparáveis” (Bardin, 1977, p. 222)

Na segunda, de acordo com Bardin, cada entrevista é estudada em si mesma, como uma totalidade e singular, no contexto desta monografia, cada elemento será imagem e texto bem como a história de cada personagem.

Esta modalidade se aplica à proposta aqui formulada na medida em que ela está livre de hipóteses pré-estabelecidas, visto que o intuito é extrair a mensagem ou as mensagens deste programa sem critérios previamente estabelecidos. “A análise de enunciação está virgem de qualquer hipótese interpretativa antes do estudo formal do discurso.” (Bardin, 1977, p.223)

Esta forma de decomposição também pode se enquadrar no método proposto na obra de Albert Kientz, ao citar a decomposição do “corpus” em itens ou unidades. Após isso, começa-se a análise. Para isso, o primeiro passo é decompor o material, como sugere a obra.

É possível decompor um artigo, por exemplo, em parágrafos, frases ou palavras. Quanto menor a unidade, mais apurada será a análise. Porém, o autor destaca que o mais usual é contentarem-se isolando um ou vários elementos considerados significativos e extraí-los sistematicamente para tratá-los de maneira quantitativa.

“ A análise chamada “de conteúdo” só possui transmissão direta através do suporte material da comunicação. Embora visando o conteúdo da comunicação, a significação da mensagem, o que a análise decompõe, isola, contabiliza, são, necessariamente, os sinais materiais (sons, sinais tipográficos, etc.)” (Kientz, 1973, p.22)

Dentro de tais perspectivas já citadas, será analisada a frequência de elementos e de ideias a fim de apurar o que está sendo dito. A análise de frequência, de acordo com Kientz, se for empregada adequadamente, pode apresentar ótimos resultados. Por meio dela podemos fazer medidas de intensidade e importância. O critério frequencial serve para enumerar e hierarquizar as unidades, temas, mensagens isoladas em um sistema de mensagens. Ela corresponde a uma classificação por ordem de importância e ainda possibilita enxergar as “palavras-chaves”, os temas principais, temas de interesse e afins.

“A palavra frequência é aqui tomada não no sentido estrito da estatística mas na ampla acepção daquilo que se repete amiúde. A análise de frequência assenta na aritmética mais elementar. Regra geral, consiste em calcular porcentagens mas também poderá se contentar com simples enumerações e estimativas.” (Kientz, 1973, p.169)

Quantificar os elementos, para Kientz, é o que melhor caracteriza a análise de conteúdo. De acordo com a obra, mensagem é uma sequência de elementos isoláveis, possível de serem ordenados por categorias e tratados estatisticamente. Todavia, a quantificação não se dá necessariamente de forma numérica. Usa-se palavras como “mais”, “frequentemente”, “aumento” e afins, que têm um valor tão quantitativo quanto um numeral.

Assim, este trabalho irá analisar o texto, as imagens e, por meio de tais métodos, serão dados os caminhos para as conclusões.

6 ANÁLISE DOS DADOS

O presente capítulo visa a analisar as personagens por meio dos dados fornecidos pelo texto e pela imagem. A seguir haverá quatro categorias que separarão os itens estudados: protagonismo, estilo e vestuário, papel político e aspectos culturais e tabus. Huda Nakash, Shifa Al Qudsi, Liti Saied, as pacifistas do Machson Watch Hadas Tamir, Raya Yaron, Sara Frischman, Sarah Frishman e, por último, as cantoras Noa e Mira, serão analisadas dentro de cada categoria a fim de se obter as ideias centrais que auxiliem na conclusão, posteriormente. Em alusão a Bourdieu, estes serão os “óculos” utilizados para analisá-las. “Os jornalistas têm “óculos especiais” a partir dos quais vêem certas coisas e não outras; e vêem de certa maneira as coisas que vêem; Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado. O princípio de seleção é a busca do sensacional, do espectacular.” (Bourdieu, 1996, p.25) Neste caso, contudo, o que será analisado serão itens que respondam às perguntas centrais deste trabalho.

Ao final de cada descrição acerca do protagonismo das personagens, serão atribuídos termos e palavras-chave que ajudarão a entender quem são e como atuam. Tal ferramenta é proposta por Albert Kientz, como citado no capítulo anterior, correspondente à metodologia.

6.1 PROTAGONISMO

Desde a abertura do documentário a ideia central fica clara, pois o jornalista afirma que há um ponto em comum entre as israelenses e as mulheres dos demais países do Oriente Médio: a luta por mais espaços. O *off*¹ inicial antecede as histórias, que parecem remeter justamente a este tema, a luta. Todavia, a atuação está inserida em um contexto diverso, reforçado por meio das imagens que, ora mostram mulheres de roupas curtas e justas, ora aparecem mulheres totalmente cobertas por vestes muçulmanas. Independente do estilo, de acordo com o narrador, elas são consideradas peças fundamentais no desfecho político da região. “E as mulheres são consideradas um dos principais agentes de mudança em toda região. Elas foram grandes protagonistas das revoluções do mundo árabe que começaram no fim de 2010” (Cymerman, 2013). Ainda no primeiro minuto de exibição, Henrique

¹ Off é a voz do jornalista durante o programa, quando somente esta aparece acompanhada de imagens.

Cymerman destaca o protagonismo feminino ao afirmar que, em alguns países, elas impediram a implementação de Teocracias. A premissa da força destas agentes é explícita.

Em nações como o Egito ou a Tunísia, governadas pela Irmandade Muçulmana, analistas políticos avaliam que se não fosse a pressão de milhares de mulheres, os islamistas, especialmente os salafistas mais radicais, já teriam instalado Teocracias baseadas na Sharia, a Lei Islâmica. (Cymerman, 2013)

A cena de muçulmanas, com roupas religiosas, gritando e segurando cartazes seguida de homens observando-as de longe, remete à ideia de protagonismo, em que elas atuam e os homens assistem. A narrativa prossegue, eis que um outro ponto é abordado: elas ainda são oprimidas. Isso fica claro ao virem os trechos em que se diz que em países como a Arábia Saudita elas ainda estão em busca de direitos básicos, como poder dirigir, bem como há nações onde o fundamentalismo islâmico está ganhando força e, com isso, elas perdem ainda mais liberdade. “Em alguns países árabes, o fundamentalismo islâmico ganha terreno e cobre cada vez mais mulheres com o véu ritual” (Cymerman, 2013). A imagem nesta última afirmação é de uma mulher muçulmana totalmente coberta, apenas com os olhos de fora, caminhando atrás de um homem na rua. Ela aparece em segundo plano: no primeiro está um homem qualquer. Esta imagem pode remeter de maneira implícita ao papel secundário a que muitas ainda estão submetidas. Embora ela esteja visível, com sua figura focada, em contrapartida ao homem desfocado no primeiro plano, ela ainda está atrás dele. A cena, acompanhada da frase, permite esta interpretação com a mensagem de que seu protagonismo é tão evidente quanto as suas dificuldades sociais e culturais. A imagem dele está desfocada, enquanto ela, apesar de estar ao fundo, se sobressai. Logo, também é possível deduzir o significado de que mesmo subjugadas, elas têm força.

No programa estudado, cada personagem tem uma ação. Logo, esta categoria analisa a forma como cada uma impacta em seu meio, já que o protagonismo e a militância são destacados neste produto audiovisual. Cada entrevistada representa uma peça do mosaico da sociedade israelense, pois o litígio entre israelenses e palestinos é definido por Henrique Cymerman como a “mãe dos conflitos da região”, já utilizando de uma figura feminina para representar o peso desta guerra. Assim, o desenrolar do embate em questão será explicado por meio destas figuras. “Para entender de onde vem esta luta e tentar ver para onde vai, é preciso conhecer também a realidade das mulheres da região, em todos os setores da vida e da sociedade”. (Cymerman,2013)

6.1.1 FORMAS DE ATUAÇÃO

6.1.1.1 HUDA NAKASH

Figura 1: Huda Nakash



Fonte: reprodução documentário Mulheres do Oriente

A primeira mulher, Huda Nakash, luta contra conceitos religiosos e culturais ao mostrar o corpo posando de biquíni e de lingerie. “Aos vinte e dois anos, a modelo árabe Huda Nakash sabe que outras já foram mortas por bem menos. É a primeira vez que uma revista árabe, para um público muçulmano, arrisca tanto na capa.” (Cymerman, 2013). Neste momento a capa é mostrada, onde a modelo em questão está de trajes de banho. Conforme o *off*, ela corre risco inclusive de morrer por sua escolha que, apesar de banal para várias sociedades, para aquela comunidade não é. A modelo, entretanto, ignora as críticas, as quais considera ultrapassadas. Segundo ela, quem a condena tem pouca cultura.

A repercussão tanto positiva, quanto negativa do trabalho foi maior do que a revista imaginava, mas isso não intimida a diretora da publicação, Yara Mashur, pelo contrário, a encoraja. Ela pretende seguir e buscar mais manequins árabes. Eis que é feita a afirmação de que Huda representaria a nova mulher árabe. “ Para Yara, Huda representa a nova mulher árabe: forte e que não se esconde, sem medo de mostrar o corpo.” (Cymerman, 2013). Uma foto de Huda em pé, de frente, usando um biquíni preto com um olhar forte e decidido ilustra a fala. A imagem confirma a frase ao evidenciar que de fato ela exhibe as formas em trajes de banho e não demonstra medo, pelo menos nas fotos.

A partir disso evidencia-se o impacto da ousadia da estudante. Yara Mashur destaca que a atitude de Huda é revolucionária e agora há cada vez mais jovens que ousam desta maneira. “E a jornalista não tem dúvida: essa é a verdadeira revolução no mundo árabe.” (Cymerman, 2013). A seguir, a fala da diretora confirma a ideia trazendo o fato de que antes

de Huda era muito difícil encontrar uma árabe que fizesse este tipo de trabalho. Agora, há interessadas de diversos países. Para Yara, isto é uma revolução.

A próxima entrevistada, Jenny Cuba, diretora da empresa para a qual Huda trabalhará como rosto da campanha de lingerie, reafirma o conceito ao chamar a modelo de corajosa.

“Huda é muito corajosa, a agente sabe que não é fácil. Não estamos acostumados com isso, uma modelo árabe em roupas íntimas. Espero que ela não se deixe intimidar pelos radicais e não desista. Que siga adiante e se torne um sucesso internacional.” (Cuba, 2013)

Durante todo este tempo passam imagens de Huda fotografando ou de suas fotos de lingerie, bem como da equipe trabalhando. Ela faz um trabalho de modelo dentro do conhecido pelo público, ou seja, ela apenas trabalha como modelo e expõe o corpo.

O documentário apresenta, após isso, uma opinião contrária. A jovem Fatma, de 17 anos, e sua mãe consideram vergonhoso o trabalho da modelo. Elas personificam aqueles que desaprovam a atuação profissional da jovem. Fatma afirma que se vestirá como sua mãe após casar-se. A mãe da jovem está vestida com trajes típicos islâmicos, com a cabeça coberta, toda de preto. Para elas, uma mulher árabe jamais poderia fazer o que Huda Nakash faz e isso a deixará “marcada” para sempre, ou seja, mal vista pela comunidade.

O próximo elemento é a opinião de Huda, que se impõe ao rir e afirmar que não se importa. “Pouco me importa o que acham. Eu faço isso porque é meu trabalho e não preciso dar explicações a ninguém. É um assunto meu. Cada um tem a sua vida. Eu tenho a minha.” (Nakash, 2013)

A história de Huda Nakash é encerrada com a fala de Cyrmerman afirmando que a modelo e a diretora são protagonista das mudanças no mundo árabe. “Duas jovens, uma revista, um biquíni e lingerie. Novas protagonistas das mudanças no mundo árabe.” (Cyrmerman, 2013)

Logo, é possível dizer, a partir disso, que a arma de Huda é seu trabalho e sua determinação, que a estimula a continuar, apesar das críticas e possíveis ameaças. Ela é apresentada como uma agente de mudanças em seu meio, pois influencia diversas jovens e meninas ao enfrentar os conceitos impostos. Huda não é apresentada como uma personagem

que se propôs a lutar, ela não afirma isso, mas sim, está apenas como uma profissional que quer fazer o seu trabalho. No entanto, a escolha feita por ela representa uma mudança de conceitos naquele contexto.

Expressões e ideias utilizadas para referir-se à personagem: corajosa, corre risco de morrer, vergonha, mudança, revolução, ela se impõe, beleza, pioneira, arrisca, quebrar tabu, forte, não se esconde, sem medo de mostrar o corpo, não se deixar intimidar, protagonista, árabe.

6.1.1.2 SHIFA AL QUDSI

Figura 2: Shifa Al Qudsi



Fonte: reprodução documentário Mulheres do Oriente

A história de Shifa tem menos beleza e glamour e traz a faceta da luta das palestinas, que passa pela emancipação de seu povo. Ela é definida no programa como uma figura rara: uma potencial terrorista, uma bomba humana que não se explodiu. Surge a imagem dela, de véu, sorrindo. “Ela conta sua experiência e tenta explicar o inexplicável. Como é que uma jovem de 24 anos decide matar e morrer”.(Cymerman, 2013). A palestina revela que imaginou os detalhes da própria morte.

“Não dá para saber se sentiria dor ou não. Imaginava que meu corpo seria despedaçado. Seria o fim, eu morreria e deixaria de sofrer. Sofria um pouco por saber que minha família iria ver tudo isso. Mas os meus pensamentos eram mais profundos. Ficava me perguntando se subiria ao céu, se iria para o paraíso.” (Al Qudsi, 2013)

Em meio a esta narrativa introdutória, imagens de uma mulher comum surgem para ilustrar. Shifa caminha na rua e depois sobe as escadas de onde mora, pega a chave e entra em

casa. Enquanto o texto se refere a uma pessoa perigosa no passado, capaz de cometer um atentado terrorista, uma tradicional dona de casa muçulmana é mostrada.

A palestina estava disposta a entregar o próprio corpo à causa de seu povo. Remontando o feminismo apresentado no capítulo 3.1.2, o protagonismo das mulheres desta população passa pelos ideais de emancipação do seu Estado. O estopim foi a intifada palestina, que gerou um sangrento conflito com Israel.

“Eu era uma jovem comum. Gostava da vida, de viver, de me divertir, ver roupas bonitas. Mas começou a intifada palestina, começaram os massacres, as destruições e eu comecei a mudar. Virei outra pessoa. Sangue, eu via imagens de sangue as 24h do dia, na televisão e até pela janela. O povo palestino sofria sem ter culpa de nada e eu me perguntava: por que é que os israelenses fazem a gente sofrer? Depois o mundo nos chama de terrorista”.
(Al Qudsi, 2013)

A inspiração foi a enfermeira Wafa Fahida, que matou duas pessoas e feriu 150 em 2002 ao cometer um atentado terrorista no centro de Jerusalém. Imagens dela surgem como heroína, com sua foto exposta em cartazes nas ruas. Shifa se identifica com a terrorista, ao contar que a enfermeira também presenciava violência diariamente e não hesitou em oferecer seu corpo pela luta contra Israel.

Shifa costumava ir a Israel com a única filha, Diana. Durante a história ela mostra fotografias de suas viagens com a filha, e revela que tinha uma cidade preferida no lado vizinho, Natanya. Por isso, iria destruí-la, já que os inimigos destruíram diversas cidades palestinas. Em 2002, a palestina revelou à menina o plano e lhe pediu que não sentisse raiva. Shifa conta que se despediu de Diana, colocando seus ideais políticos acima de tudo, inclusive da filha. Diana chorou muito e pediu que desistisse. Durante este tempo, imagens da protagonista em entrevista se mesclam ao ambiente doméstico. A filha de Shifa aparece estudando no quarto. A imagem de Diana se desfoca e fica em evidência um vaso com uma rosa vermelha ao lado de um urso rosa de pelúcia que estão na cômoda ao lado da adolescente.

A personagem ainda revela que ao se apresentar para um grupo armado, o fato de ser mãe gerou dúvida entre os terroristas mas, devido à insistência, eles aceitaram. Enquanto este detalhe é revelado, Shifa prepara um café. O que remete novamente à ideia da personagem como uma mulher comum, em oposição ao que ela descreve.

Shifa explica que para o ataque mudou a cor do cabelo e passou a usar calças jeans. Para o atentado ela se fazia de grávida para esconder a bomba. “A bomba devia ser pesada, mas quando apertei o cinto não senti nada. Talvez porque fosse muito grande a minha vontade de realizar a operação” (Al Qudsi, 2013). Antes de apertar o botão ela deveria ligar para a filha e recitar um versículo do Corão.

A palestina acreditava que, ao chegar ao paraíso, seria uma das 72 virgens do profeta. Ao citar a contagem das horas que antecederiam o ataque, durante a narrativa, um relógio com fundo bordado e muito delicado é utilizado, o que novamente remonta o ambiente caseiro e feminino.

Não obstante, o projeto foi frustrado ao ser descoberta pelo Serviço Secreto Israelense, que a encontrou por meio de denúncia anônima. O resultado foi uma detenção de seis anos em uma cadeia israelense. A penitenciária é apresentada e imagens da libertação de Shifa aparecem. Uma grande comemoração é mostrada em neste episódio, ela é ovacionada e homens disparam armas. Isto evidencia a importância de mártires como Shifa para muitos palestinos. “No reencontro com a família foi recebida como uma heroína na fronteira da Cisjordânia”. (Cymerman, 2013). Mas ela havia mudado. Na prisão, descobriu que nem todos israelenses são iguais, apenas uma parcela deseja a guerra. Agora a personagem se define como uma pacifista. Shifa acredita que é possível usar a paz pela causa palestina e considera que aqueles que fazem o que ela faria aos 24 anos, matar inocentes, são terroristas, não importa se é um governo ou uma pessoa.

Sua luta foi oferecer a vida em prol dos palestinos, sendo capaz de matar dezenas de inocentes e deixar a filha orfã. Após a prisão, ela passou a compreender que não é preciso haver derramamento de sangue e aposta em vias pacíficas para alcançar o entendimento.

Ideias e conceitos extraídos: mártir, sacrifício, luta, terrorismo, determinação, vítima, radicalismo, mudança de pensamento, redenção, delicadeza, simplicidade, renegar, fazer escolhas, entregar-se, arrepender-se, via pacífica, palestina, religião e fé, lar.

6.1.1.3 LITI SAIED

Figura 3: Liti Saied



Fonte: reprodução documentário Mulheres do Oriente

Ela está no lado oposto, é “inimiga” de Shifa. Liti vive com uma bala alojada nas costas e faz parte dos colonos judeus que ocupam territórios palestinos. Ela aparece preparando uma refeição em família, junto de seus filhos, em tarefas domésticas, um típico ambiente familiar. A seguir, as imagens da Bíblia em hebraico acompanham a narrativa sobre suas crenças. Para ela, o livro sagrado é a prova do direito dos judeus de se estabelecerem nesta terra. Enquanto o repórter a descreve, como mãe de vários filhos e que veio da Argentina com o marido para se estabelecer na região, ela estuda religião com filho e também aparece conversando e gesticulando de maneira enérgica e segura para o jornalista. A forma como se expressa, demonstrando certeza, traz a ideia de convicção. A seguir, a argentina explica as origens dos judeus. Conforme seu relato, a Bíblia deixa claro que o país pertence a eles, em especial onde ela mora, a colônia de Kiriath Arba. “O mais significativo de Kiriath Arba é que aqui estão as raízes do povo de Israel. Porque o patriarca Abraão, como diz a Bíblia, veio morar em Hebron e nós somos filhos dessas raízes”. (Saied, 2013)

O programa mostra as ruas da cidade desertas pela violência, onde somente é possível trafegar em veículos blindados. O texto explica isso. A cidade foi dividida entre Israel e Palestina, sendo a maior parte para os israelenses, os quais são menos numerosos. As cenas são desoladoras, no lado palestino há escombros do que um dia foi a cidade, em oposição às ruas movimentadas do lado israelense. Tudo é fruto da intifada e dos combates que geraram bloqueios e toques de recolher impostos por Israel. No entanto, não foi sempre assim.

Ao ser perguntada, Liti relata que, na década de 80, quando chegou com o marido, as relações eram pacíficas. Até que surge a primeira intifada em 1987, quando os palestinos

começaram a atacar com pedras, tijolos e blocos o lado israelense, o que gerou mortos e feridos. As agressões evoluíram até os dias atuais, com armas e ataques terroristas. Durante todo o tempo é reforçado que a cidade de Hebron é dividida fisicamente e ideologicamente, já que a animosidade é grande de ambos os lados. Outro ponto salientado é que ali é o berço do radicalismo judaico e islâmico, o que é definido por Cymerman como uma combinação explosiva. Já aconteceram ataques, como o massacre de 1929, em que dezenas de judeus foram mortos e mutilados por palestinos. E nesse contexto está inserida Liti, que optou por viver neste lugar por ideologia. Ao ser retomada a história da personagem, ela está em família ouvindo um deus filho tocar piano. Esta mãe de família quase foi morta em um ataque.

“O grande milagre aconteceu quando o terrorista, inconformado, apontou a arma para minha cabeça. Ele atirou, mas a bala não saiu. Tentou uma segunda vez e um outro terrorista apareceu. Apontou a arma por trás da roda do caminhão e disparou. Uma bala atingiu meu pescoço e duas a barriga. Fiquei mal mas graças a Deus, que ouviu as preces dos meus filhos e de todos que nos amam, fui salva.” (Saied, 2013)

Durante sua narrativa, aparecem ela e os filhos. Mesclado à história de Liti, o jornalista contextualiza a situação da região, em meio a ataques de ambos os lados e opiniões de rabinos. No entanto, eles não serão analisados, já que neste trabalho eles servem como coadjuvantes que apenas ajudam a ilustrar e explicar o contexto. Liti personifica no documentário a opinião dos colonos, aqueles que ajudam a insuflar os ânimos da região. Quando perguntada a respeito disso, sobre o fato de serem considerados invasores, ela se mantém firme.

“Eu vou te dar um outro exemplo. Se você sai de férias por um ano, deixa sua casa fechada a chave. Quando volta, encontra gente estranha dentro de casa, no seu quarto, na cozinha, na sala, gente que não era dona dessa casa. Que ocupou o imóvel. Vai fazer o quê? Exigir os seus direitos, que saiam. É a minha casa. O povo de Israel foi exilado contra a sua vontade. Foi violentado e expulso para os quatro cantos da Terra. Veio gente que roubou o lugar, sabendo que não era seu. Não compraram, não herdaram, ocuparam. Agora voltaram os verdadeiros donos.” (Saied, 2013)

Todavia, o narrador encerra esta história com a afirmação de que fundamentalistas como Liti são minoria na sociedade israelense, cujos habitantes já estão cansados de guerra. Logo o profissional faz uma ressalva: ela é radical, mas não representa seu povo como um todo.

Sua luta é por meio da colonização. Ela crê que Israel é seu país de direito e saiu da Argentina para viver no local por convicções religiosas. Mesmo com tanta violência ela se impõe ao decidir continuar vivendo na cidade e afirmando o que ela acredita ser um direito. Ela integra o movimento daqueles que ajudam a acender os ânimos da região, já que ocupam terras palestinas e são a favor da expulsão deste povo.

Expressões e ideias que definem Liti: radicalismo, religião, fé, família, judia, colona, fundamentalista, vítima, determinação, embate, território.

6.1.1.4 HADAS TAMIR, RAYA YARON, SARA FRISCHMAN E SARAH FRISHMAN

Figura 4: Hadas Tamir



Fonte: reprodução documentário Mulheres do Oriente

Judias e israelenses mas, ao contrário de Liti, não vêem os palestinos como invasores. Elas trabalham na ONG *Machson Watch*, o que faz com que sejam mal vistas por muitos compatriotas, como explica Cymerman.

“É o caso destas mulheres: traidoras, colaboradoras com o inimigo ou patriotas e humanistas. O nome da organização é *Machson Watch*, ‘guardiãs das fronteiras’. São 500 voluntárias israelenses presentes nos postos de controle do exército. Nos últimos 13 anos, esta ONG tem ajudado a população palestina que cruza os checkpoints.” (Cymerman, 2013)

São senhoras de cerca de 60 anos que vigiam a fronteira. A fim de registrar possíveis abusos dos militares, com suas câmeras registram a entrada dos palestinos que precisam vir a Israel para trabalhar, buscar atendimento médico ou resolver quaisquer assuntos. Ao serem

descritas elas aparecem fotografando, uma delas, que deve ter mais de 60 anos, surge caminhando com a cabeça erguida, de maneira confiante. Elas também são mostradas conversando com militares, ou seja, trabalhando. Estas voluntárias pagam um preço alto, diversas vezes são insultadas pelos militares, que poderiam ser seus netos, como revela Hadas Tamir. “Imagina, para nos insultar usam apelidos cada vez piores. Dizem que somos as putas de Arafat”.(Tamir, 2013)

A colega de Hadas, Raya Yaron, explica que não são traidoras, mas sim compatriotas. O objetivo é justamente valorizar as pessoas em detrimento da terra. E mais, ao contrário da personagem anterior, Liti Saied, Raya acredita que a terra é dos palestinos e que o exército israelense comete abusos. Sarah Frischman, outra participante, ainda conta que os soldados se sentem vigiados por elas e isso os torna agressivos. A carta de um oficial local é citada e mostrada no documentário, a qual proíbe conversas políticas com as ativistas.

Um dos problemas enfrentados pela população que precisa passar pelos check points é a demora, que chega a horas. Muitos doentes já morreram e diversos partos aconteceram lá por não conseguirem passar a tempo. Um palestino revela que as esperas são piores quando não estão as ativistas e ele teme que, no dia seguinte, não possa passar por ali devido a sua declaração. Uma outra entrevistada diz também agradecer muito ao trabalho do grupo, pois antes as esperas eram muito longas. Todavia, o narrador faz a ressalva que terroristas também entram por esta via e já usaram ambulâncias em atentados.

As ativistas acabam dialogando e interagindo muito com oficiais e soldados, o medo está de ambos os lados. Os militares temem que alguém possa se explodir ali. Neste cenário, entretanto, a personagem central pode ser Hadas Tamir. Recentemente ela sofreu um derrame em meio ao trabalho, o que deixou o lado esquerdo do corpo paralisado. Considerando que ela é canhota, isto acarreta uma enorme dificuldade. Ela por fim aceita o convite do jornalista para voltar ao posto de controle. Sete meses após o episódio, ela retorna. Toda a dificuldade é registrada, ela em cadeira de rodas, o filho a ajudando a entrar no carro, mostrando esforço. No caminho, Hadas conta ter medo e curiosidade, espera se sentir bem e não se emocionar demais. No dia, havia rumores de um possível ataque, o que aumentou o controle em todas as estradas.

Ela chega de cadeira de rodas e já é recebida por uma colega e amiga, que a beija. O impacto do que atingiu a ativista é sentido por muitos. Em meio a isto ela opina que o

problema não será resolvido enquanto a terra for mais valorizada que as pessoas, ideia já citada por sua colega Raya. Um ativista palestino é entrevistado e lamenta o ocorrido. Para ele, o grupo mereceria o Prêmio Nobel, pois Hadas e suas companheiras ajudaram a salvar muitas vidas e isso colabora na aproximação dos povos. Enquanto isso, palestinas são mostradas com expressão cansada esperando para cruzar a fronteira.

O quadro finaliza com uma mensagem de paz proferida por Hadas. “O que fazemos é tentar olhar para frente, para depois da paz. A sociedade Israelense e a sociedade palestina depois, quando chegar a paz” (Tamir, 2013). Imagens de palestinos na fronteira ilustram.

Ideias e conceitos: protagonismo, luta, paz, pacifismo, coragem, união, diálogo, determinação.

6.1.1.5 NOA E MIRA AWAD

Figura 5: Noa e Mira Awad



Fonte: reprodução documentário Mulheres do Oriente

A cantora Noa, judia de origem iemenita, nascida em Israel, viveu por anos nos Estados Unidos e é atualmente a cantora israelense de maior projeção no mundo. Ela quebrou barreiras religiosas e históricas ao se apresentar para o Papa João Paulo II com a canção “Ave Maria”. Trechos da apresentação aparecem e fazem a trilha da narrativa. A artista acredita no perdão verdadeiro como uma forma de se alcançar a paz. “Existe uma dor comum e devemos chorar juntos.” (Noa, 2013) Ela compôs uma canção com a artista árabe Mira Awad “Quando eu choro, choro por nós duas”. As duas se apresentam juntas em diversos eventos e festivais, principalmente pela paz, onde, muitas vezes, são voluntárias. Sua postura é decidida durante a entrevista.

Mira Awad é muito famosa no mundo árabe como cantora, compositora e atriz. Trechos da apresentação conjunta e da música ajudam a conduzir o trecho. Mira revela que,

apesar de teoricamente serem todos iguais, os árabes em Israel são tratados como cidadãos de segunda categoria. Seu pai foi expulso da aldeia onde vivia, no entanto não a ensinou a odiar. Durante a entrevista ainda mostra se preocupar com a humanidade, a natureza e com o planeta.

Noa explica que colabora com Mira e outros cantores árabes que realmente tenham preocupação com a paz e de usar a música para este objetivo. Conforme Mira, as duas estão juntas há 12 anos. Ela como a “cantora árabe” e Noa como a “cantora judia”, apesar de não se verem assim, entenderem que são pessoas e artistas com pontos em comum e outros divergentes, se apresentam como tal. “Na nossa relação não nos definimos como árabe ou judia. No vemos como artistas e músicos, com muitos pontos de vista e contradições”. (Awad, 2013)

A seguir, imagens do encontro histórico na Casa Branca, Estados Unidos, mediado pelo então presidente Bill Clinton, em 1993, em que se assinou o acordo de Oslo. Israel estava representado por Ytzhak Rabin, que queria a paz com os árabes. Noa cantou para esta seleta plateia. Em 4 de Novembro de 1995 a artista se apresentaria outra vez, Rabin promoveria um encontro pela paz em Israel, porém, não aconteceu. Um fundamentalista judeu o assassinou. Noa define este crime como uma catástrofe, uma tragédia que abalou a população, o que a fez tomar a decisão de trabalhar mais intensamente pela causa, algo que segue fazendo.

Entra a fala de Mira, que com veemência diz ser a favor dos palestinos. “Quero que a história do meu pai seja lembrada. Não quero que seja apagada.” (Awad, 2013) Mas para ela, não se deve carregar esta história o tempo todo, isso se tornaria um fardo, é preciso seguir adiante. Ela ressalta ainda que sua preocupação é com as mulheres do mundo árabe. No entanto, talvez menos actualmente, isso pelo que elas têm feito, por mostrarem mais força e estarem ganhando poder. A fala antecede outro trecho de uma apresentação conjunta, eis que Cymerman afirma:

“Duas vozes, uma visão. Elas afirmam que democracia não é algo técnico, é uma cultura que precisa de tempo, pedagogia e muita tolerância. Mesmo pertencendo a dois povos em constante enfrentamento, Noa e Mira estão unidas e se entendem por música”. (Cymerman, 2013)

Conceitos e ideias que as definem: união, paz, tolerância, quebra de tabus, entendimento, superação de preconceitos.

6.2 ESTILO/ VESTUÁRIO

As personagens, como já foi citado, são diferentes entre si. A modelo Huda Nakash não foi mostrada em seu cotidiano, apenas durante o trabalho, em que é fotografada de biquíni e lingerie. Mas, pela sua atuação e coragem de mostrar-se assim, não restam dúvidas de que ela pertence a um meio não religioso, que deve ter um estilo ocidental. Sua profissão já é por si só inovadora e reflete um estilo, uma aparência. Por viver no mundo da moda, sua luta está intimamente ligada à vestimenta, esta é a maneira de impor-se.

Já Shifa Al Qudsi atuou de maneira diferente. O ideal de explodir-se está calcado em questões étnicas e religiosas, na medida que ela juntou-se a um grupo islâmico e tinha ideais mais profundos, pois acreditava que seria uma das 72 virgens no paraíso. Ela veste-se conforme a tradição muçulmana, não mostra o corpo e cobre a cabeça, ficando apenas com o rosto de fora. Apesar disso, ela tem opinião e não demonstra estar oprimida. Portanto, sua vestimenta está ligada à sua história e, devido ao engajamento político, pode-se dizer que o véu é uma forma de identificação cultural e religiosa. Em nenhum momento ela faz alusão à repressão de gênero.

O mesmo pode ser dito de Liti Saied, que está no outro extremo: é judia ortodoxa. Percebe-se isto por sua vestimenta. As judias, assim como as muçulmanas, cobrem a cabeça. Contudo, não usam véus, elas o fazem com boinas, chapéus e lenços colocados de maneira diferente, a fim de não serem confundidas com muçulmanas. Liti usa saia comprida e não mostra os braços, veste-se de maneira composta. Isso também está relacionado a sua opinião e atuação. Ela vive em Hebron, um local perigoso, justamente por questões ideológicas e religiosas, assim, não se pode esperar que ela se vista de maneira ocidental. Ela é fundamentalista religiosa e se veste conforme os mandamentos.

Hadas Tamir, Raya Yaron, Sara Frischman e Sarah Frishman são judias e israelenses, mas não fundamentalistas ou religiosas. Pela natureza de seu trabalho, as roupas são condizentes. Blusas e calças jeans, um estilo casual para os países ocidentais mas inadequado para os judeus ortodoxos. Elas são modernas, a vestimenta reflete a atuação, que não valoriza a crença, mas sim as pessoas.

Noa e Mira, assim como as personagens anteriores, têm estilo próprio e não seguem a religião. Noa, por exemplo, está com a barriga descoberta em um dos trechos de

apresentação ao Papa. Pela natureza da profissão, elas usam trajes modernos, maquiagens e seguem a moda, mas também com estilo próprio. Mira, por exemplo, usa um corte de cabelo moderno, cabelos curtos e atuais.

6.3 OPINIÃO

Este quesito pode ser exemplificado pela mensagem final do documentário, quando todas expressam alguma opinião ou desejo de paz, exceto Liti, que não aparece na mensagem final. O que está dentro do contexto, visto que ela afirma em entrevista que os palestinos devem sair das terras que são de direito dos judeus, conforme suas palavras.

Liti, como está referido anteriormente, acredita fazer parte do povo que é o verdadeiro dono de Israel. Os palestinos são intrusos que devem ser expulsos, a prova seria o Antigo Testamento. Entretanto, como o próprio narrador coloca, ela é uma minoria. A judia não parece lutar pela paz, não enquanto houver palestinos reivindicando direitos.

Já Huda Nakash não é apresentada como alguém que trabalhe diretamente pela paz, mas ela ajuda promover uma revolução de costumes. “As mulheres devem ser corajosas, abrir caminho e sair pelo mundo. Devem dizer o que pensam. Não importa em que sentido”.(Nakash, 2013). A atuação profissional de jovem já é um passo contra os radicalismos da região.

Shifa retoma a crença na paz e lembra do momento em que percebeu que poderia haver caminhos pacíficos que levem à paz, sem provocar mortes. Ela se redime. Atualmente se coloca como pacifista, mesmo se questionando em relação a isso, o que é visto quando, ao ser questionado sobre qual pergunta se faria, ela diz que se perguntaria se é mesmo uma pacifista. De qualquer modo, ela se posiciona como uma pessoa que mudou de pensamento e aposta na coexistência.

Hadas Tamir tem na memória os braços dos tios, tatuados com os números dos campos de concentração, segundo seu relato. De acordo com a entrevistada, desde cedo, ao ver isso, a ativista aprendeu que ninguém é melhor que outra pessoa, que todo são iguais. Ela representa as parceiras da ONG para a qual trabalha.

Noa destaca a importância feminina especificamente no caminho para o entendimento. “Se as mulheres conseguirem a paz na região, vai ser maravilhoso. As

mulheres têm uma perspectiva especial, que é só feminina, por conta da complexidade de ser mulher, da odisseia das nossas vidas”. (Noa, 2013)

Todavia, Mira ainda acrescenta que não somente as mulheres têm esta responsabilidade. “Por que é que nós temos que vir consertar o que vocês (homens) arruinaram? Vocês fazem esses jogos de guerra, gostam tanto disso e nós é que devemos ser as figuras maternas. Que encarem também a figura paterna que constrói o futuro, não apenas um passado ressentido”. (Awad, 2013)

6.4 ASPECTOS CULTURAIS / TABUS

A história de Huda quebra e, ao mesmo tempo, reforça tabus. Ao se falar em quebra, refere-se ao fato de haver no programa uma árabe que mostra o corpo e está decidida a continuar a fazê-lo. Ela encara isso com profissionalismo e não se deixa intimidar com críticas ou ameaças. As imagens da revista dirigida por mulheres igualmente decididas evidencia esta força: todas têm voz e poder de decisão. Não obstante, ao citar que a Revista Lailak quebra o tabu e publica as fotos, reforça-se a ideia de que mostrar o corpo não é socialmente aceito. Huda e os responsáveis pela publicação são infratores. A entrevista de Fatma e sua mãe, que definem como uma vergonha a exposição de Huda, reforçam o estereótipo de opressão e conservadorismo, no entanto, surge um paradoxo: não são homens que a condenam, são mulheres. Mesmo as opiniões contrárias são dadas por mulheres, que se expressam, mesmo que de maneira conservadora.

Assim, o trecho de Huda traz antíteses que quebram ou reforçam visões a respeito da região. Ao mesmo tempo que uma moça revoluciona em termos morais, outras vozes femininas têm peso e as críticas partem delas, que concordam com o sistema vigente. Assim, não são apenas homens que combatem a evolução dos costumes, bem como é possível romper imposições. Estas personagens se expressam com veemência e cada uma defende seu ponto de vista.

A história de Shifa também traz um relato curioso. Ela é jovem, mãe, muçulmana e divorciada. Em momento algum ela fala sobre interferências masculinas em sua vida. A relação mãe e filha é mostrada e a decisão de cometer o atentado, aparentemente, foi dela exclusivamente. Além disso, este é o tipo de ato costumeiramente praticado por homens, são poucas as mulheres que fazem, tanto que Shifa tinha o exemplo de uma única mulher. A

personagem demonstrou força ao decidir cometê-lo, persuasão ao convencer o grupo de que queria alistar-se e coragem ao optar abandonar a filha. Ela usa véu e, por seu relato, é praticante do Islamismo.

Ao ser exibida em cenas domésticas, fica evidente que ela é uma tradicional dona de casa e mãe, mas quebra paradigmas ao mostra-se decidida e engajada, com voz e poder de decisão. Fica entendido pelas imagens e pelo texto que ela mora apenas com a filha. Apenas é citado que ela é divorciada, não fica claro o que ela faz atualmente, mas foi mencionado que na época ela trabalhava e um salão de noivas, o que pode apontar uma possível independência. Ainda há outro ponto e ser abordado ao dizer que hoje acredita na via pacífica. Uma ex-terrorista regenerada que hoje quer a paz, assim como sua filha. A partir disso, é possível afirmar que há diversas visões desconstruídas ou reforçadas: a luta dos palestinos pelo terror, ao verem sangue e mortes eles optam por este caminho.

No entanto ela traz algo novo, ao ser divorciada, aparentemente independente, tomar decisões sozinha e passar de um extremo a outro em termos de pensamento. Usar véu não parece interferir em sua personalidade ou força, apenas é uma expressão de suas convicções religiosas, que ajudaram a amparar sua escolha aos 24 anos. No entanto, ela evidencia que mesmo quem toma uma decisão tão radical pode mudar de pensamento e ela mesma se surpreendeu ao ver na prisão que nem todos os israelenses são a favor da guerra. Ela exemplifica ao mesmo tempo a parcela da população a favor da violência e a parte em busca da paz, visto que explica ambas ideologias.

Já Liti Saied reforça a visão do radicalismo e intolerância que permeia a imagem de Israel. Ela faz oposição a Shifa em diversos aspectos. Ao ouvir a opinião desta judia, reforça-se a visão dos judeus que expulsam palestinos de suas casas e querem construir um Estado Judeu a todo o custo. A visão de Liti, no entanto, está amparada em dois suportes: o religioso e o da violência. O aspecto religioso a fez morar no país e permanecer ali. O aspecto da violência provém do episódio em que foi atacada por palestinos que, ao tentarem matá-la, deixaram-na em coma. Ela sobreviveu, mas tem até hoje uma bala alojada nas costas. Isso reforça a visão de guerra do local e a imagem dos palestinos como pessoas perigosas. Ela não luta pela conciliação e acredita que os árabes são povos invasores que devem ser expulsos, mesmo considerado a guerra cruel e injusta. A personagem exemplifica o empecilho do alcance da conciliação, o fundamentalismo. Logo, ela reforça o esteriótipo de preconceito e

animosidade que Israel e a população carregam em função das políticas praticadas com os palestinos e das ações de fundamentalistas como Liti.

Hadas Tamir, Raya Yaron, Sara Frischman e Sarah Frishman mostram a realidade dos que trabalham em prol de um lugar melhor para se viver. Em meio a uma guerra que dura décadas, a imagem de israelenses ajudando abertamente palestinos impressiona quem tem a visão anterior, de pessoas como Liti. Ainda mais sendo senhoras que se opõe a militares e a diversos setores do país. As cenas destas mulheres filmando, fotografando e atuando de maneira decidida surpreende. Elas rompem o esteriótipo anteriormente reforçado. Soldados com idade para serem seus netos ofendem estas mulheres. Isso denota que mesmo entre os israelenses não há unidade ou respeito. A atuação delas é elogiada por palestinos, o que reforça que de fato eles sofrem. Ao afirmarem que estão ali para evitar que o exército cometa abusos fica comprovado que de fato estes atos são reais, mas que não são aceitos por todos israelenses, pelo menos por elas. O trabalho deste grupo é fundamental para aquela população, que reconhece em entrevistas dadas a Henrique Cymerman que, quando não estão lá, as esperas são piores. Assim, outro tabu é desmistificado: nem todos israelenses compactuam com o tratamento dado aos palestinos. Outra questão é não haver consenso em termos de opinião dentro destas nações. Em meio a uma longa guerra, há muitos que trabalham pelo seu fim.

Já Noa e Mira personificam a quebra de preconceito ao se juntarem e cantarem juntas pela paz. As duas rompem paradigmas ao mostrar que há palestinos e israelenses com objetivos comuns e que nutrem respeito mútuo. A partir de ambas é possível perceber que o ódio não é unânime.

Elas reforçam o trabalho de Hadas Tamir e suas copanheiras. Mais do que isso, destacam os esforços que muitos fazem em Israel pela paz. Pode parecer contraditório em um país em guerra haver tanto empenho, mas o documentário parte da premissa de que a maioria quer a reconstrução dos laços. Conforme Noa, o mundo não imagina quantos se empenham pela conciliação. “Quanta gente no mundo sabe que existem aqui tantas organizações pela paz? Quantas pessoas no Brasil sabem? São tantos aqui que sacrificam a alma para aproximar os corações palestinos e judeus, dia após dia. Tem muita gente assim.” (Noa, 2013). Logo é possível dizer que mais uma imagem foi desmistificada: a guerra não é um desejo de toda a população, mas sim um fardo.

6.5 DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS

Após a análise dos itens anteriores é possível analisar pontos divergentes e aspectos comuns entre as entrevistadas. O primeiro deles é a determinação: todas elas apresentaram convicção e demonstraram estar determinadas a fazer ou a pensar daquele modo. Mesmo Shifa, que mudou de ideia, não demonstra insegurança. A coragem já entra como aspecto ligado a esta característica. A modelo árabe arrisca a própria vida ao fazer fotos de lingerie e de biquíni, no entanto ela não desiste. Shifa foi corajosa ao decidir se explodir em Israel e enfrentar as consequências de sua escolha. Enquanto isso, Liti segue vivendo em um ambiente hostil e não pensa em se mudar, pois ela acredita que aquele lugar é dela por direito e, mesmo já tendo sido vítima de um ataque, ela não cogita outra ideia. Hadas Tamir e suas colegas exercem um trabalho perigoso. O chek Point apresenta risco de atentados, bem como elas enfrentam pessoas que desaprovam seu trabalho e insultos de militares. Além disso, Hadas Tamir se destaca ao mostrar que, mesmo após um derrame que a deixou com sequelas e problemas de locomoção, ela decide voltar ao local e, na data, havia ameaça de bomba, todavia ela seguiu com a visita. Já Noa e Mira não enfrentam aparentemente riscos, são determinadas mas coragem não é uma característica de destaque das cantoras.

Por todos os pontos citados acima surge mais um aspecto comum: a luta. Todas elas lutam e atuam de alguma na sociedade, o que se liga a características como protagonismo e independência, além da já mencionada coragem.

Outro aspecto é a ausência de figuras masculinas: em nenhuma história aparecem homens como pais, irmãos ou maridos. Há menção somente no caso de Liti, quando é citado que ela é casada e, no caso de Hadas Tamir, quando o filho a ajuda a voltar ao Check Point. No entanto eles não interferem no contexto, são figuras secundárias. Isso ajuda a evidenciar a ideia de independência das personagens.

Já no quesito fé, há diferenças mais visíveis. As voluntárias que trabalham na fronteira entre territórios palestinos e Israel não aparentam ou citam ligação com religião, assim como Huda, Noa e Mira. Não há negação de fé, apenas não é citado este tema, todavia fica implícito, pelo estilo destas personagens, que elas não são religiosas. Isso pode ser notado principalmente pelas roupas, visto que elas não cobrem a cabeça e não se vestem de forma recatada, um exemplo é a modelo, que aparece publicamente com o corpo a mostra. Logo, a crença não é o aspecto que permeia estas histórias. É justamente a falta dela, ou a ausência de

radicalismo, que impacta na realidade onde vivem, na medida em que elas enfrentam o senso-comum, o qual está baseado em aspectos religiosos.

Já no caso de Liti Saied e de Shifa a religião está fortemente ligada às suas ações. Como exemplo, Liti é judia ortodoxa e isso embasa todas as suas atitudes e pensamentos, pois as convicções religiosas a motivaram e viver em Israel e continuar em territórios antes palestinos. A coragem e a motivação vêm da fé, como fica evidenciado no momento em que ela afirma que sobreviveu por um milagre. Já Shifa pretendia se explodir e ir ao paraíso, ela afirma que suas motivações eram mais profundas e espirituais. A palestina imaginava que poderia ser uma das virgens do profeta e deixaria de sofrer ao viver no Paraíso. Apesar de ter mudado de opinião, ela se veste ainda conforme o Islamismo, afinal, ela usa o véu. Estas duas têm seu estilo de vida coordenado com regras religiosas e suas atitudes estão ligadas à religião.

A luta pela paz é outro aspecto fundamental, pode-se dizer que é o eixo central da discussão, na medida em que é abordado o conflito emblemático da região a partir das figuras principais: as mulheres. A mensagem final do documentário é o momento em que elas expressam desejos e motivações relacionadas à paz. Huda, apesar de não ser ativista e não ter ações diretamente ligadas a esta questão, provoca mudanças e quebra tabus, como foi descrito anteriormente. Logo, ela deixa uma mensagem de luta e de independência. Liti Saied não participa da mensagem final de paz, pois representa os fundamentalistas que impedem os processos de conciliação. Por suas declarações e estilo de vida, não há demonstrações, por parte dela, de querer negociar com palestinos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi observar quem são as mulheres do orientais, a partir deste documentário, e por que elas são a peça fundamental para entender o Oriente Médio. Por meio do conteúdo do documentário, dividido em texto e imagem, foi feita a análise para ver de que forma estes dois meios contam, explicam ou evidenciam características das entrevistadas.

A seguir, a análise do documentário em si foi a ferramenta para obter os significados. É possível concluir que as hipóteses lançadas pelo jornalismo se confirmam ao longo do programa. A produção apresentou personagens com opiniões próprias e divergentes. A figura feminina está como personagem decisivo, capaz de mudanças na região, conforme foi evidenciado na narrativa, em que os mais variados papéis são assumidos por elas. Ao contrário de muitos trabalhos jornalísticos, a imagem da mulher submissa, sem voz e invisível não foi destacada. Embora não sejam negadas as dificuldades pelas quais muitas passam, são destacadas personagens independentes, fortes e opinativas, o que constrói um mosaico de opiniões e ações que ajudam a definir o cenário político e social. É importante ressaltar que cada uma o faz à sua maneira, mas que de fato elas têm influência, a partir do que foi exibido.

Cada personagem, por suas peculiaridades, é, conforme o documentário, uma amostra da diversidade da região, desconstruindo qualquer imagem coesa em relação a estas habitantes. Ou seja, dentro daquele contexto, há inúmeras realidades e maneiras de pensar. Há paradoxos apresentados, visto que elas, tão diferentes entre si, têm também diversos aspectos afins, que envolvem posicionamento e opinião.

A ausência de figuras masculinas na narrativa exemplifica a intenção de evidenciar a independência delas em relação aos homens. As opiniões e atitudes partem delas, eles são meros coadjuvates. Na história de Liti, é citado que ela é casada, todavia o marido não aparece. No trecho sobre Hadas Tamir, o filho da ativista aparece ajudando-a a entrar no carro, mas ele está como secundário e isso não diminui a força da personagem, ao contrário, mesmo com tantas dificuldades, ela volta ao antigo local e trabalho e é apresentada como uma mulher forte, alguém que dribla dificuldades em prol de uma causa maior, no caso dela, a ajuda para construir a paz.

Além disso, elas são apresentadas como um símbolo da região, pois tanto no início, quanto ao final do documentário, se afirma que é preciso procurar e entender as mulheres para compreender este contexto. Isso é possível compreender ao ver a influência delas como mães, ativistas, religiosas ou quaisquer outros modos de vida. Bem como a diferença gritante entre as personagens exemplifica as diferenças na região, o que retoma Noa, ao citar que as mulheres têm uma perspectiva especial, diferenciada em função da complexidade de ser mulher.

Assim, é possível deduzir que de fato a mulher apresentada é atuante e representante da realidade local. A frase final do *off*, que afirma que é preciso procurar pelas mulheres da região para entender a realidade e a história, de fato fecha tudo o que foi apresentado no documentário e estudado neste trabalho. “Não dá para explicar ou entender o que acontece nesta região do mundo sem *chercher les femme*, sem procurar as mulheres”. (Cymerman, 2013).

É importante frisar que de todas elas foi possível extrair o termo “determinação”, associado à “coragem” ou sinônimos. Outros termos utilizados mais de uma vez foram fé, religião e lar, principalmente entre Shifa e Liti, que de tão opostas, mostraram muito em comum. Paz e tolerância também figuram entre os conceitos ligados a mais de uma. Portanto, é redundante mas verdadeiro dizer que, a diversidade em oposição aos pontos em comum são muito marcantes. Portanto, a região é diversa e tece uma colcha de retalhos que forma a sociedade do Oriente Médio, complexa e peculiar.

As imagens ajudaram a construir tais significados, visto que foi possível ver detalhes como vestimentas, expressões, maneira de impor-se. Em uma região onde a religiosidade tem grande peso, é determinante observar se elas são adeptas às vestimentas religiosas ou não para entender seu engajamento. Shifa, por exemplo, usa o véu e tinha a motivação de um dia ser uma das virgens do profeta, ao contrário de Huda, que mostra o corpo. A luta de cada uma está ligada ao seu estilo. Enquanto Huda se impôs mostrando o corpo, Shifa pretendia lutar por meio do terrorismo, atitude atribuída a crenças islâmicas. Já Liti contrasta com sua própria conterrânea Hadas Tamir, na medida em que a primeira visivelmente é ortodoxa e a segunda não. Liti cobre a cabeça com uma touca e usa saia comprida, roupas que a identificam como ortodoxa, ao passo que Hadas e suas companheiras se vestem com calças e blusas, ou seja, de maneira ocidental.

Portanto, a diversidade de opinião e de protagonismos é pessoal e difere conforme as crenças pessoais, tais detalhes foram percebidos por meio da imagem. Cada uma impacta na realidade israelense. Assim, o aspecto visual conta a história tanto quanto o texto e é possível ver que as ideias lançadas pelo jornalista Henrique Cymerman se comprovam com os exemplos mostrados.

É crucial ressaltar que o presente tema não se esgota aqui, visto que a televisão segue em constante mudança. Este estudo foi apenas uma contribuição aos estudos da área e pode ser ampliado futuramente.

8 BIBLIOGRAFIA

site G1, Mulheres do Oriente mostra oito exemplos de israelenses e palestinas, 2013.
Disponível em <<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/06/mulheres-do-orientemostra-oito-exemplos-de-israelenses-e-palestinas.html>>. Acesso em: 22/06/2014)

SAID, E. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão Seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997

ARONCHI, J. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. 2004

WOLTON, D. **Internet e Depois? Uma teoria crítica das Novas Mídias**. São Paulo: Sulina, 2003

FISCHER, R. **Televisão & Educação- fruir e pensar a TV Ed.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edição Revista e Ampliada, São Paulo: Edições 70, 2011

SMITH, D. **O Atlas do Oriente Médio: Conflitos e Soluções**. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Publifolha, 2007

KIENTZ, A., **Comunicação de Massa: análise**. Rio de Janeiro: Editora Eldorado, 1973.

ECO, U. **Como se faz uma tese**. 23. ed. São Paulo, SP : Editora Perspectiva, 2011

PATERNOSTRO, V. **Globo News: 10 anos, 24 horas no ar**. São Paulo: Editora Globo, 2006
Revista Planeta, Jan 2012, ano 40, edição 472.

<p>0.7' - 0.8' As mulheres do oriente Médio</p> <p>0.9' - 0.13' Tiram o futuro para dançar</p> <p>0.14'' - 0.19'' E entre tantas divergências, no meio de tanta complexidade</p> <p>0.20'' - 0.26'' Se há um denominador comum entre Israel e os demais 23 países do oriente Médio é a luta das mulheres por mais espaço.</p> <p>0.26'' - 0.30''</p> <p>0.31'' - 0.38'' Na política e na sociedade em geral. E as mulheres são consideradas um dos principais agentes de mudança em toda região.</p> <p>0.39'' - 0.45'' Elas foram grandes protagonistas das revoluções do mundo árabe que começaram no fim de 2010</p> <p>0.46'' - 0.53'' Em alguns países árabes, o fundamentalismo islâmico ganha terreno e cobre cada vez mais mulheres com o véu ritual</p> <p>0.54'' - 1'.15'' Em nações como o Egito ou a Tunísia, governadas pela Irmandade Muçulmana, analistas políticos avaliam que se não fosse a pressão de milhares de mulheres, os islamistas, especialmente os salafistas mais radicais, já teriam instalado Teocracias baseadas na Sharia, a Lei Islâmica.</p> <p>1'.16'' - 1'.25'' Na Arábia Saudita, as mulheres ainda lutam pelo direito de dirigir um carro livres do risco de serem condenadas a dez chicotadas, ou acusadas de prostituição.</p>	<p>Mulheres muçulmanas com vestimentas típicas (Véu, Niqab...)</p> <p>Sai das imagens das muçulmanas cobertas para uma mulher loira de cabelos curtos, vestido curto, costas de fora e caminhar “rebolante”.</p> <p>Vai da imagem da loira de vestido curto para uma mulher de Burka Preta, nada dela é visto.</p> <p>Da mulher de preto passa para a imagem de uma jovem ruiva, cabelos soltos, macacão azul colado ao corpo com decote e chapéu moderno.</p> <p>Imagem de um protesto de mulheres muçulmanas, identificadas pelos trajes típicos, gritando: “com o nosso espírito, com o nosso sangue, te libertaremos, pátria!”.</p> <p>Da cena do protesto vai para a de dois homens assistindo de uma janela, provavelmente, aquele ou qualquer outro movimento análogo.</p> <p>Grupo de quatro mulheres muçulmanas de meia-idade caminhando na rua</p> <p>Imagem de uma mulher coberta com o Niqab caminhando na rua, em segundo plano, atrás de um homem. Ele desfocado, ela com imagem nítida.</p> <p>Entra imagem de uma mesquita ao anoitecer e sobe som do típico chamado em árabe para as rezas. Imagens de construções típicas da região, com abóbodas. Depois imagem de homem com barba farta vestido de branco de maneira típica e a imagem de homem fumando Narguile.</p> <p>Muçulmanas sentadas dentro de um ônibus vistas através das janelas deste. Depois aparecem jovens cobertas nas ruas, rindo e conversando, visivelmente envergonhadas pelas câmeras.</p>
--	--

TEXTO	IMAGENS
<p>1'28'' – 1'39'' Mas de todos os choques do Oriente Médio, um dos mais antigos e complexos, talvez seja o que confronta palestinos e israelenses desde meados do século XX.</p> <p>1'.39''- 1'.44'' Poderia ser definido como a mãe de todos os conflitos</p> <p>1'.47''- 1'.58'' Para entender de onde vem esta luta e tentar ver para onde vai, é preciso conhecer também a realidade das mulheres da região, em todos os setores da vida e da sociedade.</p> <p>02'.01''- 02'.08'' É um quebra-cabeças que às vezes parece até produto da imaginação, mas é bem real</p> <p>Jornalista Henrique Cymerman em Tel Aviv:</p> <p>2'.11''- 02'.45'' As histórias que vamos contar neste Globo News Especial acontecem em um território ínfimo de 26mil Km² que incluem todo o Estado de Israel e a Palestina. Ou seja, a Cisjordânia no Leste, dirigida pela Autoridade Palestina, e a Faixa da Gaza no Sul, controlada pelos islamistas do Hamas. Uma zona pouco maior que o estado de Sergipe, no Nordeste, pouco mais da metade do estado do Rio de Janeiro. O Primeiro Ministro que fundou o Estado Judaico, David Ben Gurion, costumava dizer: “tanta história para tão pouca geografia”.</p> <p>02'.46''- 02'.53''</p> <p>02'.54'' Aos vinte e dois anos, a modelo árabe Huda Nakash sabe que outras já foram mortas por bem menos. É a primeira vez que uma revista árabe, para um público muçulmano, arrisca tanto na capa.</p> <p>03'.07''- 03'.15'' Mas esta estudante de Arqueologia da Universidade de Haifa acredita que aqueles que a ameaçam e criticam vivem na Pré-História da Humanidade.</p>	<p>Manifestantes em confronto com militares. Bombas, fogo, gritos. Mulheres aparecem segurando faixa e protestando.</p> <p>Mulher de meia-idade protestando, depois elas correndo e aparecem outras com faixa em árabe. No final, sobe o som e aparece uma mulher levando um jato de água no rosto e sendo derrubada.</p> <p>Muçulmana de véu tomando uma xícara de café (uma das entrevistadas). Depois surge a judia argentina, a ativista israelense em cadeira de rodas. Começam a aparecer as mulheres do programa, a música é da cantora israelense.</p> <p>Imagens da modelo árabe sendo fotografada em poses sensuais de biquíni.</p> <p>O jornalista em sua passagem</p> <p>Sobe som: música árabe. Aparece a modelo de biquíni em uma sessão de fotos. Ao falar na revista, mostra as capas com a modelo em pose sensual com trajes de banho e roupas decotadas.</p> <p>Trabalhos e fotos da modelo, ela de lingerie durante ensaio fotográfico</p>

TEXTO	IMAGENS
<p>Entrevista de Huda Nakash:</p> <p>03'.17'' - 03'.32'' Se tem gente que critica ou se chateia de alguma forma, eu entendo que seja gente com pouca cultura, ou alguém atrasado. Deve ser por alguns desses motivos.</p> <p>03'.33''-03'.37'' Aqui diz: Miss Huda faz tremer a Terra (ou terra?)</p> <p>03'.38'' - 03'.45'' A revista Lailak, com sede em Nazaré, decidiu quebrar o Tabu ao publicar as imagens de uma modelo árabe de maiô.</p> <p>03'.46'' 03'.54'' As imagens foram distribuídas para a comunidade árabe-israelense, os territórios da Autoridade Nacional Palestina, a Jordânia, o Egito e até o Golfo Pérsico.</p> <p>03'.55'' - 04'.13'' A diretora da revista, Yara Mashur, diz que nunca imaginou que a imagem da modelo de maiô provocaria um terremoto tão forte. Apesar do receio, a diretora do grupo de mídia árabe, Cinara, está decidida a abrir o caminho para mais manequins.</p> <p>04'.14'' - 04'.20'' Para Yara, Huda representa a nova mulher árabe: forte e que não se esconde, sem medo de mostrar o corpo.</p> <p>04'.21'' - 04'.32'' É graças a mulheres como ela que há cada vez mais jovens que ousam mudar seu pensamento. E a jornalista não tem dúvida: essa é a verdadeira revolução no mundo árabe.</p> <p>Entrevista com Yara Mashur:</p> <p>04'.34'' 04'.49'' Antes da Huda, era muito difícil encontrar uma jovem árabe que aceitasse ser modelo profissional e posar de biquíni. Hoje, entram em contato comigo jovens de todo o mundo árabe pedindo para ser manequim, é uma revolução.</p>	<p>Huda Falando</p> <p>Enquanto segura a capa de revista, mostrando-a.</p> <p>Fotos da modelo em trajes de banho</p> <p>Seguem as imagens de Huda</p> <p>Ela aparece sentada à frente do computador lidando com as fotografias da modelo. Usa blusa de manga curta e não veste qualquer peça religiosa, como lenços e afins. Em seguida a imagem de uma mulher coberta com vestimentas muçulmanas também trabalhando à frente de um computador. Volta para cenas de Cinara de pé, usando calça e blusa regata preta, cabelos soltos, conversando com uma colega que está sentada à mesa e veste-se no mesmo estilo.</p> <p>No computador, fotos de Huda em que ela está de pé e de frente usando um biquine preto com um olhar forte e decido.</p> <p>Imagem de Cinara, sentada à frente do computador, ao lado do jornalista, novamente analisando as fotos da modelo. Voltam imagens da modelo no computador e na revista.</p> <p>Yara falando</p>

TEXTO	IMAGENS
<p>04'51''- 04'59'' Como se isto não bastasse, Huda Nakash decidiu ser o rosto de uma campanha de lingerie dirigida ao público árabe</p> <p>05'02''-05'14''A diretora da empresa, Jenny Cuba, israelense de ascendência libanesa, define Huda como muito corajosa, e diz que só no mundo da moda não existem fronteiras e que o idioma é um só: a beleza.</p> <p>Entrevista com Jenny Cuba:</p> <p>05'15''-05'36''Huda é muito corajosa, a agente sabe que não é fácil. Não estamos acostumados com isso, uma modelo árabe em roupas íntimas. Espero que ela não se deixe intimidar pelos radicais e não desista. Que siga adiante e se torne um sucesso internacional.</p> <p>05'36'' 05'46''A modelo recebeu mensagens de apoio de todo o mundo. Mas mulheres mais conservadoras só têm uma palavra quando veem as fotos da campanha: vergonha.</p> <p>05'48''-06'02'' Fatma, de 17 anos, está preparando o casamento que vai acontecer logo. Ela acredita que o corpo da mulher não deve ser mostrado. E garante: quando for uma mulher casada, vai se vestir como a mãe.</p> <p>Entrevista com a jovem:</p> <p>06'03'' 06'08''Ela não deveria mostrar o corpo desse jeito. É uma vergonha.</p> <p>Mãe de Fatma:</p> <p>06'08'' - 06'23'' Claro que há modelos de outras religiões fazendo esse trabalho. Mas uma jovem árabe, de jeito nenhum. É totalmente imoral. Uma árabe nua fica marcada para sempre.</p> <p>Entrevista de Huda:</p> <p>06'25''-06'42''Pouco me importa o que acham. Eu faço isso porque é meu trabalho e não preciso dar explicações a ninguém. É um assunto meu. Cada um tem a sua vida. Eu tenho a minha.</p>	<p>Ensaio fotográfico da protagonista. Equipe trabalhando.</p> <p>Jenny trabalhando com a equipe e imagens das fotografias feita durante este ensaio.</p> <p>Jenny falando</p> <p>Huda usa lingerie preta e uma máscara enquanto é fotografada.</p> <p>Cymerman está com muçulmas que vestem trages pretos que cobrem a cabeça e o corpo. A jovem Fatma aparece falando sem estar com as vestes religiosas junto de uma jovem vestida de maneira semelhante.</p> <p>Mãe e filha falando</p> <p>Cenas das fotos de Huda mesclam a fala da mãe.</p> <p>Huda falando</p>

TEXTO	IMAGENS
<p>06'46''- 06'57'' Duas jovens, uma revista, um biquíni e lingerie. Novas protagonistas das mudanças no mundo árabe.</p> <p>06'59''07'10''Mas nem tudo é tão glamuroso. Shifa Al Qudsi de 30 anos é uma bomba humana que não explodiu. Uma jovem palestina que chegou a imaginar os detalhes da própria morte.</p> <p>Entrevista de Shifa Al Qudsi</p> <p>07'11''- 07'48'' Não dá para saber se sentiria dor ou não. Imaginava que meu corpo seria despedaçado. Seria o fim, eu morreria e deixaria de sofrer. Sofria um pouco por saber que minha família iria ver tudo isso. Mas os meus pensamentos eram mais profundos. Ficava me perguntando se subiria ao céu, se iria para o paraíso.</p> <p>07'49''-07'53''Shifa vive em Toulkarem, Norte da Cisjordânia, na Palestina.</p> <p>07'56'' 08'04''É uma figura rara: potencial terrorista suicida que não se matou num atentado a bomba, como pretendia.</p> <p>08'05''- 08'14''Ela conta sua experiência e tenta explicar o inexplicável. Como é que uma jovem de 24 anos decide matar e morrer.</p> <p>08'18''- 08'23'' A palestina completou uma pena de 6 anos na cadeia de Tel Mond, em Israel.</p> <p>08'29'' – 08'35''No reencontro com a família foi recebida como uma heroína na fronteira da Cisjordânia.</p> <p>08'39''- 08'46''Na cidade natal, as armas dão as boas-vindas com disparos para o alto que se misturam aos fogos de artifício.</p>	<p>Fotografias de Huda, Cinara trabalhando, a modelo durante os ensaios.</p> <p>Shifa, com véu cobrindo os cabelos, sorrindo.</p> <p>A partir da imagem anterior ela começa a falar.</p> <p>A cidade é mostrada, diversos prédios e mesquitas.</p> <p>Ela aparece caminhando por uma rua da cidade e depois subindo as escadas de onde mora.</p> <p>Ela está no que parece ser um terraço, pega a chave da porta que está embaixo de um vaso de plantas.</p> <p>Ela entra em casa. Surge uma imagem da cadeia.</p> <p>Ela sendo libertada e recebendo abraços.</p> <p>Muitas pessoas a recebem, homens armados, tiros e fogos de artifício.</p>

TEXTO	IMAGENS
<p>Sonora da Shifa:</p> <p>08'50'' – 09'48'' Eu era uma jovem comum. Gostava da vida, de viver, de me divertir, ver roupas bonitas. Mas começou intifada palestina, começaram os massacres, as destruições e eu comecei a mudar. Virei outra pessoa. Sangue, eu via imagens de sangue as 24h do dia, na televisão e até pela janela. O povo palestino sofria sem ter culpa de nada e eu me perguntava: por que é que os israelenses fazem a gente sofrer? Depois o mundo nos chama de terrorista.</p> <p>09'50'' - 10'25'' Em janeiro de 2002 a enfermeira Wafa Fahida, moradora do campo de refugiados, Yal Emri, em Ramallah, se converteu na primeira mulher bomba palestina. Dirigiu uma ambulância até Jerusalém e lá até a rua Jaffa, no centro da cidade. Maquiada e bem vestida, experimentou sapatos em uma loja e, já na rua, acionou os explosivos que levava no corpo. Resultado do atentado: 2 mortos e 150 feridos. Wafa virou um exemplo para seu povo ou, pelo menos, para gente como Shifa.</p> <p>Sonora de Shifa</p> <p>10'26''- 10'42'' Wafa via o tempo todo imagens de sangue do povo palestino, dos mortos. Ela não hesitou em se sacrificar pelo país dela, em oferecer o corpo, a vida, em sacrifício para honrar o povo.</p> <p>10'43'' - 11'02'' Shifa, que trabalhava em um salão de noivas, visitou várias vezes as praias de Tel Aviv e de sua cidade israelenses preferida, Natanya. Nunca ia só, estava sempre acompanhada de uma menina de 8 anos: Diana, a única filha dela. O nome é uma homenagem à princesa britânica, que Shifa admirava.</p> <p>11'03''-11'17'' Em 2002, a palestina, que se divorciou, revelou à menina o grande segredo: “não fique com raiva, mamãe vai se sacrificar em Israel”. Diana chorou muito, e pediu que desistisse.</p>	<p>Shifa falando. Em alguns momentos aparece o jornalista na frente dela, mostrando que ele a entrevista.</p> <p>Uma pessoa sendo levada de maca na rua. Um homem com um bebê nos braços puxa alguém, movimento na rua. Uma rua que aparentemente sofreu um atentado. Uma foto da referida mulher-bomba palestina. Uma ambulância em uma rua de Israel. Multidão na rua. Cacos de vidro e sapatos pelo chão, vitrine da loja quebrada, um corpo no chão, pessoas feridas sentadas no chão. Imagem da terrorista exibida em uma faixa em um edifício.</p> <p>Shifa falando</p> <p>A entrevistada de pé, ao lado do repórter, mostrando um álbum de fotos. Fotografias das visitas dela com a filha a Israel.</p> <p>A filha de Shifa, Diana, aparece estudando no quarto. A imagem de Diana fica desfocada e fica em evidência um vaso com uma rosa vermelha ao lado de um urso rosa de pelúcia.</p>

<p>Sonora de Shifa</p> <p>11'17'' – 11'45'' Não queria que minha filha me culpasse depois do atentado. Que me acusasse denão ter avisado e que não entendesse o que tinha me levado a fazer aquilo. Conteí tudo para que não me acusasse de tê-la abandonado. Disse que depois da minha morte, como mártir, que ela fosse para o telhado e olhasse para o céu. Quando visse uma estrela, teria me encontrado.</p> <p>11'47''- 11'57'' A jovem acabou se apresentando como voluntária ao braço armado da Al Fatah para ser uma mulher bomba. Chegaram a duvidar da determinação dela, afinal era uma mãe.</p> <p>Sonora de Shifa</p> <p>11'58''- 12'41'' Acabaram me aceitando quando ameacei me oferecer ao Hammas ou à Jihad Islâmica. A estratégia garantiu meu recrutamento imediato, o que me encheu de alegria. Inicialmente disseram que eu deveria cometer um atentado em Hedera, pela grande concentração de judeus lá. Fui contra. Disse que preferia fazer o atentado em Natania por conhecer bem a cidade. Era a cidade que eu mais gostava, por isso queria destruí-la. Era uma das cidades preferidas pelos judeus. Eles já tinham destruído cidades palestinas. Seria minha vez de fazer o mesmo.</p> <p>12'41''- 12'54'' Shifa mudou a cor do cabelo, vestiu calças jeans como qualquer jovem israelense. A ideia era fingir que estava grávida, já que na barriga levaria o cinto de explosivos de 25Kg.</p> <p>Sonora de Shifa</p> <p>12'54''-13'30'' A bomba deveria ser pesada, mas quando apertei o cinto não senti nada. Talvez porque era muito grande a minha vontade de realizar a operação. Estava com um vestido de grávida, de mangas compridas.</p>	<p>Shifa falando.</p> <p>A boca do fogão acende e aparece Shifa fazendo café.</p> <p>Shifa fala. Ela aparece sentada no sofá, de frente ao jornalista, tem um retrato de um homem ao lado dela no sofá.</p> <p>Fotografias de Shifa de cabelos soltos vestindo calça jeans e blusa de lã. Ao falar do cinto a imagem fecha na barriga de Shifa.</p>
---	---

TEXTO	IMAGENS
<p>Tinha um cabo ligado aos explosivos que passava por uma manga. Quando chegasse ao lugar escolhido e visse todo mundo lá, seria fácil apertar o botão. (continuação da sonora da Shifa) 13'30''</p> <p>13'31'' -13'38''Em 7 de Abril de 2002, foi informada por uma mensagem de celular que o “casamento” seria no dia seguinte.</p> <p>Sonora de Shifa</p> <p>13'39'' - 14'01'' Eles não podiam mencionar a palavra “operação” no telefone, porque todos os celulares estavam grampeados. O código para se fererir à operação era “casamento”. Antes de apertar o botão eu ligaria para minha filha para ouvir a voz dela. Depois, eu deveria ler um versículo do Alcorão.</p> <p><u>INTERVALO</u></p> <p>14'07'' - 14'26'' Segundo o plano do braço armado da Al Fatah, depois do atentado de Shifa, um segundo suicida disfarçado de enfermeiro deveria se aproximar do local da explosão com as equipes de emergência. Aí, aconteceria uma segunda explosão. Mais tarde uma terceira bomba, escondida em um saco no mesmo local, seria detonada por controle remoto.</p> <p>14'28'' - 14'40'' Os homens, quando cometem atentados suicidas, acreditam que irão para o paraíso, onde serão recebidos por Allah e dezenas de virgens. Qual a recompensa das mulheres suicidas?</p> <p>Sonora da Shifa</p> <p>14'41'' - 14'56'' Os homens recebem 72 virgens. Estava convencida que me tornaria uma dessas virgens e que o paraíso seria o meu destino. Quando chegasse lá, me juntaria às mulheres do profeta.</p>	<p>Ela serve o café em uma xícara.</p> <p>Ela fala novamente.</p> <p>Uma mulher leva um bebê em um carrinho com mais duas meninas ao lado pela rua. Imagens de pessoas caominhando na rua, adultos e idosos. Alguém sentado em uma ceira em frente a uma mesa acariciando um gato e pessoas passando na frente. Cenas do movimento na rua de novo. Um menino judeu, com roupas típicas que o identificam como tal, alimentando pássaros em frente a um laguinho onde parece ser uma praça. Um rio e árvres e volta, cena em preto em branco de um dia nublado com o sol escondido entre as nuvens.</p> <p>Ela fala, a câmera está fechada em seus olhos.</p> <p>O plano abre para o rosto dela.</p>

TEXTO	IMAGENS
<p>14'57''-15'02''Mãe e filha dormiram esperando a hora. A pequena Diana abraçou Shifa.</p> <p>15'03''-15'29''De acordo com as autoridades de Israel, graças a uma delação, o serviço secreto Shim Bet evitou o massacre no centro de Natania. O Shim Bet utiliza uma ampla rede de informantes e colaboradores palestinos. Foi um desses que entregou Shifa em um último momento. De madrugada, duas horas antes da hora prevista para a partida, alguém bateu na porta.</p> <p>Sonora de Shifa</p> <p>15'31''-16'15''Quando chegaram para me prender, eu estava dormindo. Levantei e vi que a casa estava cercada por um comando do exército. Bateram forte na porta e logo entraram e pegaram todos os que estavam na casa comigo, homens, mulheres e crianças. Assim que me identificaram, começaram a me bater e a gritar. Eu vestia uma roupa de ginástica e queriam que eu tirasse para ver se escondia alguma bomba. Foi uma noite terrível, que nunca vou esquecer.</p> <p>16'16''-16'39'' Shifa ainda destruiu o cartão do celular e jogou no vaso sanitário para não revelar seus contatos. No início da pena numa penitenciária israelense, a jovem se manteve extremamente radical, mas depois, ao longo de seis anos, acabou conhecendo alguns israelenses, e seu preconceito foi desaparecendo. Ela lembra que quando saiu da penitenciária era outra pessoa.</p>	<p>Shifa em casa entrando no quarto, imagem de um relógio de números bordados e com flores marcando as horas.</p> <p>Militares armados prontos para atacar. Eles cercando uma residência. Subindo as escadas acompanhados de cães. Uma porta se abre e é Shifa com o jornalista contando como ocorreu.</p> <p>Ela de pé, na porta, explica o ocorrido.</p> <p>Um celular desfocado. A porta de uma cela é aberta por uma mãe que segura a chave e depois fechada. A penitenciária é mostrada. Aparecem detentas muçulmanas com a imagem desfocada. Corredores entre as celas. Arame farpado onde há um pássaro pousado.</p>

TEXTO	IMAGENS
<p>Sonora de Shifa</p> <p>16'40''- 17'08'' Pude ver que nem todos israelenses são iguais, nem todos querem sangue e destruição. Fiz amizade com uma guarda da prisão que chorou quando fui solta. Naquele momento conclui que posso lutar pelo nosso povo pela via pacífica, sem precisar virar mártir e provocar ainda mais mortes.</p> <p>Sonora da filha de Shifa, Diana</p> <p>17'09'' - 17'39'' Estou muito contente. Durante todo esse tempo me sentia órfã. Agora, agradeço a Deus por ela ter voltado para casa. Estou orgulhosa da minha mãe, porque ela quer a paz e eu também. É preciso acabar com as guerras, com toda essa violência e o derramamento de sangue.</p> <p>Sonora de Shifa</p> <p>17'39''- 17'52'' Não me refiro a nenhuma organização em particular, mas quem mata civis inocentes, mulheres e crianças é, sem dúvida, um terrorista.</p> <p>17'53'' - 17'56'' Shifa, se você estivesse em meu lugar, que pergunta se faria?</p> <p>Shifa:</p> <p>17'57''-18' Me interrogaria se sou realmente uma pacifista.</p> <p>18'04'' -18'08'' No passado, Shifa prometeu à filha que voltariam a se encontrar no paraíso</p> <p>18'14''- 18'20'' Agora garante que está disposta a fazer o que for necessário para mostrar que o paraíso pode esperar.</p>	<p>A ex-terrorista falando.</p> <p>Mãe e filha abraçadas sorrindo.</p> <p>Shifa sentada novamente no sofá falando de frente a Cymerman.</p> <p>As duas caminham juntas na rua olhando lojas e Shifa leva um livro.</p> <p>Ela sai de casa e vai até o terraço tomar o seu café. Há varais de roupa. A cena termina com ela ao lado da torre de uma mesquita que chama para a oração enquanto ela sorve a bebida. Ela fica desfocada e a torre fica em evidência.</p>

TEXTO	IMAGENS
<p>18'28'' - 18'37'' O nome dela é Liti Saied. Vive num assentamento judeu tido como dos radicais da Cisjordania, nas redondezas de Hebron e vive com uma bala nas costas.</p> <p>18'39'' Liti Saied chegou com o marido da Argentina na colônia israelense de Kiriat Arba há mais de três décadas. Admite ter cerca de doze filhos e muitos netos. Ela não divulga o número exato, pois teme o que define como o "Olho do Mal". Durante a nossa conversa, Liti mostra a Bíblia, agita o livro no ar e diz que as sagradas escrituras são o contrato de compra mais antigo do mundo, que data de milhares de anos.</p> <p>Sonora e Liti Saied:</p> <p>19'07'' - 19'21'' O mais significativo de Kiriat Arba é que aqui estão as raízes do povo de Israel. Porque o patriarca Abraão, como diz a Bíblia, veio morar em Hebron e nós somos filhos dessas raízes.</p> <p>19'24'' - 20'03'' Hebron fica a apenas 40Km de Jerusalém, mas para um israelense atravessar as estradas em terras palestinas da Cisjordânia, só de carro blindado, com vidros à prova de bala. Entre os postos de controle militares, os poucos veículos civis fazem parte de comboios de colonos judeus. Quando passamos por estes pontos, somos escoltados por patrulhas militares e ninguém se arrisca a ficar pelas ruas. Na parte palestina, a sensação se acentua: se não fosse pelos observadores internacionais e os Médicos Sem Fronteiras, seria como se estivéssemos numa cidade fantasma.</p> <p>20'11' - 20'29'' Pelo acordo de 1997, a cidade de Hebron foi dividida em duas partes: 80% corresponde à parte palestina, com seus quase 200 mil moradores árabes; os outros 20% da cidade ficaram para menos de mil colonos judeus e 20 mil palestinos.</p>	<p>Ela está de saia e cabeça coberta por uma toca, vestimenta de judia ortodoxa. Prepara a refeição da família e um menino que parece ser seu filho varre o chão lado.</p> <p>Ela lê o que parece ser uma bíblia em hebraico. Sua mão percorre as escrituras. Ela parece estar estudando com o filho. Ela surge sentada em uma mesa falando e gesticulando enérgicamente. Aparecem trechos da bíblia que ela segurou.</p> <p>Fala sentada à uma mesa e sorri. Uma moça está atrás, sentada no sofá, observando-a.</p> <p>Um militar israelense para um carro. O carro segue viagem após isso. Aparece a estrada deserta e caminhões estacionados. Um veículo aparentemente militar passa pela estrada, parece estar à frente do carro da equipe. Ruas vazias do lado palestino aparecem, apenas um homem aparece caminhando e um carro passa.</p> <p>Três militares israelenses surgem caminhando. Arame farpado e depois tecidos ao vento. Surgem imagens de uma cidade palestina e de seus habitantes, aparentemente árabes e muçulmanos, uma mulher toda coberta de preto somente com os olhos de fora passa com uma criança de colo. Depois aparecem judeus, no lado israelense, ao falar da divisão da cidade, os judeus são focados ao falar neles e depois um muçulmano junto de um menino é focado ao falar nos palestinos.</p>

TEXTO	IMAGENS
<p>20'31''- 20'42'' Esta área era assim antes da intifada. Agora está assim, com bloqueios e toques de recolher obrigatório o comércio é quase inviável.</p> <p>20'43'' – 20'56'' A maioria dos palestinos acabou abandonando suas casas, seus negócios e o mercado, e se mudou para o outro lado de Hebron. Pergunto a Liti Saied como era Kiriat Arba no anos 80, quando ela chegou .</p> <p>Fala Liti Saied.20'58'' As relações entre árabes e israelenses eram bem diferentes. Tínhamos relações comerciais, comprávamos no mercado, o <i>souk</i>, e na <i>kasbah</i>, o mercado coberto. Os árabes eram amigáveis, tudo é relativo, não? Até que começou a intifada de 1987, começaram as pedradas, a agressão, o terror. Pedras também matam. As pedras têm tamanhos variados. Tijolos também são pedras. Atiravam nos caminhos, houve mortos, feridos. As pedras acabaram provocando muitos acidentes de trânsito. Depois as coisas pioraram. Primeiro com as armas de fogo, até hoje, quando enfrentamos bombas, suicidas. Estamos no meio de uma guerra muito dura, cruel e injusta.</p> <p>20'02''- 22'16''Dá para dizer que a cidade onde está sepultado Abraão, venerado por judeus e muçulmanos, lembra a Berlim dividida antes da reunificação. Só que em Hebron o muro mais alto é o do ódio.</p> <p>22'17'' – 22'47''O túmulo dos patriarcas é o local mais sagrado para o judaísmo depois de Jerusalém. É também o berço do radicalismo judaico, este é o cenário de muitos terremotos que aconteceram no passado e que estão previstos para o futuro. Israelenses dos mais fanáticos vivem na cidade, que também é um bastião dos extremistas islâmicos do Hamas. A combinação é explosiva. E nesta cidade, talvez mais do que em outras, os mortos não são esquecidos.</p>	<p>Cenas de um comércio agitado e muitas pessoas na rua.</p>

TEXTO	IMAGENS
<p>20'48 – 22'57'' Os colonos têm um museu, onde lembram episódios como o massacre de 1929, quando centenas de árabes degolaram 69 judeus.</p> <p>20'58''- 23'12'' E, segundo afirmam, de lá para cá as coisas não mudaram muito, e lembram que só nos últimos anos, dezenas de israelenses morreram em ataques palestinos. Por isso mesmo os colonos nunca se separam de suas armas, nem mesmo nas sinagogas.</p> <p style="text-align: center;"><u>EPISÓDIO 2</u></p> <p>0'05'' – 0'40'' A fé é ensinada desde a infância. Em Beit Hadassa, uma de quatro comunidades judaicas de Hebron, são ensinados os textos sagrados da Torah a partir dos 5 anos. Esses meninos não têm férias de verão e todas as manhãs estudam com o rabino Daniel Ismi. Decoram os versículos bíblicos às vezes antes mesmo de saberem ler. Para os colonos o sistema de aprendizagem milenar é a base de uma fé sem limites. É isso que respondem quando lhes perguntamos sobre as razões para viver em Hebron.</p> <p>ENTREVISTA RABINO DANIEL ISMI</p> <p>0'44''- 1'05'' Não permitiremos, de forma alguma, que nossos filhos prejudiquem os árabes sem motivo. Da mesma maneira que não permitiremos que nossos filhos sejam perturbados pelos árabes sem reagir. A cada provocação eu exijo que os meninos reajam. Isso se não houver um soldado por perto. Está escrito na Bíblia “E a independência vos acompanha.</p> <p>1'08'' 1'19'' O esquema oficial de proteção aos colonos impressiona. Um soldado para cada dois colonos. Esses militares patrulhas as ruas como se estivessem em uma frente de combate.</p>	<p style="text-align: center;"><u>EPISÓDIO 2</u></p>

TERMOS UTILIZADOS	IMAGENS
<p>1'20''- 1'40'' Mas alguns dizem se sentir como babás dos colonos. Para os colonos pensarem em dias mais calmos é ilusão. Nada mais que uma miragem. Que logo desaparecem com lembranças como as de Liti. Ela não esquece do dia em que quase morreu em um atentado palestino, há poucos anos.</p> <p>SONORA DE LITI</p> <p>1'43'' - 2'14'' O grande milagre aconteceu quando o terrorista, inconformado, apontou a arma para minha cabeça. Ele atirou, mas a bala não saiu. Tentou uma segunda vez e um outro terrorista apareceu. Apontou a arma por trás da roda do caminhão e disparou. Uma bala atingiu meu pescoço e duas a barriga. Fiquei mal mas graças a Deus, que ouviu as preces dos meus filhos e de todos que nos amam, fui salva.</p> <p>2'14'' 3'02''Nos últimos anos o serviço secreto israelense Shim Bet prendeu colonos de Hebron acusados de pertencerem a um grupo terrorista secreto que atacava alvos palestinos. Um dos líderes deste grupo é Itzchak Paz, que enterrou um filho bebê, vítima de um atirador palestino. O serviço secreto israelense tem um departamento judaico que infiltra agentes entre os colonos para tentar impedir a repetição de ataques como o do médico Baruch Goldzstein. Em fevereiro de 1994, Goldzstein pegou sua arma automática e matou 29 palestinos na Mesquita dos Patriarcas. O rabino Mizrachi, que veio do Riode Janeiro há quase 40 anos, e é pai de 6 filhos, se lembra do ataque terrorista cometido pelo médico.</p> <p>3'04'' - 4'07''Eu tenho um certo receio de que possa aparecer mais um. A Bíblia diz que ele no dia da morte salvou mais gente do que quando estava vivo. Eu não espero que aconteça isso e rezamos para Deus. Eu sou rabino de três escolas aqui e uma das professoras, há dois, foi assassinada a caminho da escola, de manhã, às oito horas, quando passou um carro e a fuzilou, a</p>	

TERMOS UTILIZADOS	IMAGENS
<p>metralhou. Eu tenho sempre na minha memória tentar consolar as alunas. São situações muito difíceis, a raiva é muito grande, mas temos fé em Deus, que vai nos ajudar a ultrapassar isso também.</p> <p>4'08''-4'31'' Numa Hebron intensamente armada, as armas também podem ser a Bíblia e o Corão, os textos sagrados e a fé. Liti, nascida na Argentina, veio a Hebron por motivos ideológicos. Liti, no Ocidente dizem que isto acontece porque vocês são ocupantes, porque vocês são centenas de colonos em Hebron, uns milhares aqui em Kiriat Arba, que ocupam uma terra de outro povo.</p> <p>SONORA DE LITI</p> <p>4'32''- 5'26'' Eu vou te dar um outro exemplo. Se você sai de férias por um ano, deixa sua casa fechada a chave. Quando volta, encontra gente estranha dentro de casa, no seu quarto, na cozinha, na sala, gente que não era dona dessa casa. Que ocupou o imóvel. Vai fazer o quê? Exigir os seus direitos, que saiam. É a minha casa. O povo de Israel foi exilado contra a sua vontade. Foi violentado e expulso para os quatro cantos da Terra. Veio gente que roubou o lugar, sabendo que não era seu. Não compraram, não herdaram, ocuparam. Agora voltaram os verdadeiros donos.</p> <p>5'34''- 5'47'' Mas mulheres fundamentalistas como Liti são uma minoria na sociedade israelense. As pesquisas indicam que a maioria quer um futuro no qual seus filhos não tenham que arriscar a vida no serviço militar.</p> <p>5'53''- 6'15'' É o caso destas mulheres, traidoras, colaboradoras com o inimigo ou patriotas e humanistas. O nome da organização é Machson Watch, guardiãs das fronteiras. São 500 voluntárias israelenses presentes nos postos de controle do exército. Nos últimos 13 anos, esta ONG tem ajudado a população palestina que cruza os checkpoints.</p>	

TERMOS UTILIZADOS	IMAGENS
<p>06'15''-6'23'' As vezes são insultadas pelo seu próprio povo, outras vezes pelos militares que, em muitos casos, poderiam ser seus netos.</p> <p>SONORA DE HADAS TAMIR</p> <p>6'24''- 6'28''Imagina, para nos insultar usam apelidos cada vez piores. Dizem que somos as putas de Arafat.</p> <p>SONORA RAYA YARON</p> <p>6'28''-6'44'' Não somos traidoras, somos patriotas. Só que olhamos primeiro o ser humano e não a terra. Esse território é deles e o nosso exército comete abusos lá. Cuidamos de facilitar a passagem deles pelo posto.</p> <p>6'44''6'48''Aparecem com as câmeras para registrar a passagem da população palestina.</p> <p>SONORA SARAH FRISHMAN</p> <p>6'49''-7'02'' Muitas vezes os soldados acham que estamos aqui para vigiá-los. Eles se sentem ameaçados por nós. Então, a reação deles, como de qualquer pessoa ameaçada de rejeição, é de rejeição.</p> <p>07'04'' Na parede a carta</p>	

